



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE
PERNAMBUCO-UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS-UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS



JOSEFA JÉSSICA DA SILVA

UM OLHAR SOBRE A ZOOMORFIZAÇÃO DOS PESONAGENS NA OBRA *VIDAS
SECAS* DE GRACILIANO RAMOS

GARANHUNS-PE
2019

JOSEFA JÉSSICA DA SILVA

UM OLHAR SOBRE A ZOOMORFIZAÇÃO DOS PESONAGENS NA OBRA *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG/UFRPE, como pré-requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Felix da Silva Cortez

GARANHUNS-PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

S586o Silva, Josefa Jéssica da
Um olhar sobre a zoomorfização dos personagens na obra
Vidas Secas de Graciliano Ramos / Josefa Jéssica da Silva.
– 2019.
54 f. : il.

Orientadora: Marcia Felix da Silva Cortez.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)–
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento
de Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.
Inclui referências.

1. Literatura brasileira 2. Ficção brasileira – aspectos sociais
3. Análise literária I. Cortez, Marcia Felix da Silva, orient.
II. Título

CDD B869.3

JOSEFA JÉSSICA DA SILVA

UM OLHAR SOBRE A ZOOMORFIZAÇÃO DOS PESONAGENS NA OBRA *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em 14 de fevereiro de 2019.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Felix da Silva Cortez
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAG/UFRPE

Prof. Examinador (a): Ma. Monaliza Rios Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAG/UFRPE

Prof. Examinador (a): Dr. Luiz Gonzaga Baião Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAG/UFRPE

Não existiria som se não houvesse o silêncio
Não haveria luz se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim, dia e noite, não e sim...
Cada voz que canta o amor não diz tudo o que quer dizer,
Tudo o que cala fala mais alto ao coração.
Silenciosamente eu te falo com paixão...
Eu te amo calado, como quem ouve uma sinfonia
De silêncios e de luz. Nós somos medo e desejo,
Somos feitos de silêncio e som,
Tem certas coisas que eu não sei dizer...
(Certas coisas - Lulu Santos / Nelson Motta)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar á Deus, que me deu força e coragem para lidar com as adversidades que surgiram ao longo desses anos.

A minha família que me apoiou sempre, me dando amor e o suporte que eu preciso para seguir adiante; ao meu companheiro Antônio Eduardo, que foi minha pilastra durante o tempo em que estamos juntos.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram à janela que hoje vislumbro um horizonte superior. Agradeço de um modo especial à minha orientadora, Dr^a. Márcia Felix foi com a sua generosa ajuda que consegui desenvolver esse trabalho.

Aos meus amigos que direta ou indiretamente me ajudaram e tiveram paciência comigo durante a realização desse trabalho, em especial a Ricardo Soares, Elizabete Josefa, Isabela Borges e Fabrício Siqueira; à minha equipe de trabalho pelas vezes que precisei de suporte e este me foi dado, em razão deste.

À banca examinadora, pela dedicação e compreensão a esse trabalho.

Enfim, meus agradecimentos a todos que fazem parte da minha jornada, sem vocês esse sonho da graduação não teria sido possível.

RESUMO

O propósito deste trabalho é identificar de que forma se articulam as formações e transformações identitárias das personagens que compõem o romance *Vidas Secas* (1938), do escritor Graciliano Ramos, que retratam a mudança que sofre a identidade de seres humanos oprimidos e marginalizados, de acordo com suas experiências e práticas vivenciadas em sociedade. O espaço que Ramos apresenta, é o árido sertão nordestino, na década de 30, período que a literatura buscou denunciar as desigualdades sociais de diferentes regiões brasileiras, sobretudo do Nordeste, espaço que manifesta condições precárias de vida e trabalho que são delimitadas pelo o clima e por relações desiguais de poder, de exploração e opressão. A problemática que envolveu essa reflexão veio da indagação sobre como foram representadas as experiências vividas pelas personagens em situação de pobreza extrema, de mudanças de modo de vida, da exploração excessiva no trabalho e da opressão social. Esse período revela a exploração do homem pelo o homem e faz uma comunicação com a obra através da maneira como cada personagem se identifica no decorrer da narrativa de acordo com suas experiências sociais. A metodologia aplicada foi à pesquisa bibliográfica, que se concentrou tanto ao texto como aos contextos, de Graciliano e de suas obras, aos temas e assuntos quanto às formas que foram apresentadas. Para tanto, nos embasamos em autores como: (PROENÇA FILHO, 1992; CÂNDIDO, 2007; VELOSO, 1988; FACIOLI, 1987; POLVORA, 1975; HALL, 2006), entre outros.

Palavras-chave: Vidas secas. Sociedade. Zoomorfização. Análise literária, silêncio.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO I	7
SEÇÃO 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE SOCIEDADE, IDENTIDADE E LITERATURA	11
2.1- Produção literária e Sociedade	12
SEÇÃO 3. GRACILIANO RAMOS E AS VIDAS SECAS	20
3.1 Graciliano Ramos, sua obra e o tempo	21
SEÇÃO 4. UMA ANÁLISE SOBRE O SILENCIAMENTO DOS PERSONAGENS EM VIDAS SECAS	37
4.1 Panorama Sobre a obra	37
4.2 Transformações identitárias	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o discurso produzido através do silêncio, que é um traço marcante na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Elaborando perfis socioculturais, a obra se estabelece na temática que institui a humanidade de sujeitos que são marginalizados pela sociedade ou em condições socioeconômicas inferiores. São sujeitos, que no discurso, não são totalmente livres, nem totalmente determinadas a mecanismos exteriores. Os indivíduos em questão se constituem a partir das relações humanas, o que não será a única forma de sentido, ou elemento de onde tem origem o discurso. Assim como, de acordo com a visão foucautiana, todo sujeito se constitui por atravessamentos de suas relações com o outro.

Por meio da análise de trechos presentes na obra em questão, percebemos um empenho político em favorecimento do desfavorecido, pois a obra caracteriza seres muito comuns da região do nordeste brasileiro, que é de grande importância instigar pesquisas de inter-relação sujeito-discurso é significativa para a abordagem das caracterizações vistas na obra em sua íntegra, é o que veremos no decorrer desse estudo. Além disso, trazemos a relevância do discurso que é produzido através do silêncio, entremeados aos aspectos ligados a ideologias, históricos e sociais das personagens que compõem a obra, de modo especial à família de Fabiano, que são os protagonistas desse contexto.

Essa obra trata de uma história de uma família de retirantes nordestinos, é narrada em terceira pessoa, através do discurso indireto livre, ou seja, a fusão da fala e do pensamento dos personagens à voz do narrador. O livro é dividido em treze capítulos, traz uma análise social e discursiva de sujeitos marcados pela marginalização da sociedade. O enredo organiza-se em volta de seis personagens, são eles: Fabiano, a esposa Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, o Soldado Amarelo e a cachorra Baleia, que mesmo sendo um animal, se constitui como sujeito, devido à humanização que lhe é constantemente atribuída, possuindo reações próprias de humanos.

Graciliano Ramos escreveu e publicou *Vidas Secas* em 1938, em pleno estado novo e acabara de sair das amarras varguistas, ele estava no Rio de Janeiro. Devido às situações que passara nesses últimos dias, sua sensibilidade estava aguçada, diante disso, assim como Euclides Neto, Ramos escreveu sobre um tempo e um lugar em que viveram e que, portanto, conheciam muito bem.

Apesar de *Vidas Secas* fazer parte das lembranças do que viveu no nordeste do autor, a obra não é uma autobiografia, já que Graciliano pertencia a uma classe privilegiada, atuava na política e chegou a ser prefeito de Palmeira dos Índios, cidade alagoana. Ele não escreveu sua história, mas a saga de outros nordestinos de classes sociais inferiores, mas que fizeram parte do seu universo histórico-social. No livro em questão, o escritor utiliza a ficção para retratar como vivia o homem pobre e oprimido no sertão nordestino.

Desse modo, o objetivo desse trabalho foi o de identificar de que forma se articulam as formações e transformações identitárias das personagens que compõem o romance *Vidas Secas* (1938), do escritor Graciliano Ramos, que retratam a mudança que sofre a identidade de seres humanos oprimidos e marginalizados, de acordo com suas experiências e práticas vivenciadas em sociedade. E assim para uma melhor realização tem-se como objetivos específicos, estipular uma ligação entre as características naturais do sertão, do espaço, com características sociais e culturais do mesmo, procurando compreender as dimensões dessas interações; Analisar como essas dimensões serviram de temas na obra literária que é o *corpus* para a investigação; Perceber de que maneira a obra abordou as formas de constituição e transformação identitárias das personagens. Com isso, procuraremos identificar os sujeitos que foram expostos aos processos de desumanização que foram apontados na obra estudada, a qual traz seres humanos que vivem em situações degradantes, marcadas pela perda de território. A perda territorial para o sujeito lhe coloca num estado de fuga, onde o indivíduo será “fugitivo e fugidio sobre a terra” (DELEUZE GUATTARI, 1995, p. 28).

Essas constatações já são suficientes para justificar a importância desta pesquisa, mesmo sendo as obras de Graciliano Ramos amplamente estudadas por outros pesquisadores, elas apresentam uma riqueza que não se esgotou nos estudos já realizados.

O espaço utilizado na narrativa possibilita ao leitor que conheça o lugar onde as personagens vivem e vivenciam suas experiências, também podendo ser chamado meio, localização, e “envolve as condições materiais ou espirituais em que se movimentam os personagens e se desenrolam os acontecimentos” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 54). Assim, o espaço na narrativa apresenta o sertão nordestino como caracterizado por períodos de secas constantes, pelo solo árido, e tendo a caatinga por vegetação. Ainda de acordo com Andrade (2005), Essa vegetação é

formada por plantas típicas desse lugar como: “o mandacaru, o xiquexique, caules grossos e raízes profundas que os fazem suportar os longos períodos sem chuva, além das braúnas e juazeiros, que também compõem a paisagem”.

Em *Vidas Secas*, uma família de quatro pessoas vive no sertão, e na busca pela sobrevivência, migra de um lugar para outro. Fabiano que era vaqueiro, Sinhá Vitória sua esposa, os dois filhos deles e a cachorra Baleia, andam sem rumo pela caatinga, passando fome, sede, procurando encontrar um lugar menos seco para sobreviverem por mais um tempo. Essas personagens que são excluídas e marginalizadas pela a sociedade, como qualquer outra pessoa, precisam de trabalho para sobreviver, para não morrer de fome e vencer o processo de desumanização. Contudo, o trabalho não existia ou quando existia era marcado por extrema exploração, isso é, trabalhava muito e não ganhavam o suficiente para garantir o sustento. Trata-se de um trabalho onde quem se favorecia era apenas os patrões, que enriqueciam e acumulavam riquezas.

Nesse contexto, a migração não acontecia por vontade própria, como uma decisão pessoal, mas como uma fuga motivada pelas adversidades climáticas e pela esperança de encontrar um lugar com melhores condições de emprego, melhor salário, moradia, alimentação, enfim, um lugar que garantisse uma melhor condição de vida.

Na obra *Vidas Secas*, o silêncio da personagem Fabiano caracteriza o desejo que ele tinha de obter a palavra e não ter que se submeter tanto: “Fabiano é um bárbaro que perde seu espaço, que não quer ser reduzido, reificado pela falha alheia. Fabiano quer a palavra, crê que o poder advém dela” (HOLANDA, L., 1992, p. 27). Fabiano desejava o domínio das palavras e com elas se expressar e defender-se da opressão social e dos insultos que recebia no convívio com outros indivíduos que pertenciam a classes sociais superiores, como os coronéis, os fazendeiros, e os que representavam o estado, como o soldado amarelo.

A abordagem parte da premissa de que o texto deixa de ter vida própria, pois se alimenta de elementos do seu contexto, desse modo, buscamos identificar o que tem por trás do texto, como e por que esses elementos penetram o texto.

Diante disso, nossa metodologia baseia-se fundamentalmente na pesquisa bibliográfica. Hermenêutica é um método de interpretação que almeja encontrar os sentidos dentro de tais fontes ou obras literárias, compreendê-los, ou como, segundo Foucault (1984, p. 45-6), “fazer os signos falarem e descobrir seu sentido”,

por intermédio de conhecimentos e técnicas. A boa interpretação de tal texto é de suma importância na busca pela compreensão.

Ao longo do estudo, em primeiro lugar, procuramos desvelar o quadro teórico e os conceitos que sustentam às nossas reflexões. Em seguida, atentamo-nos aos textos, os autores e os contextos a que se referem e quais foram produzidos e por fim, realizamos uma análise da obra em questão.

Nesse sentido, este trabalho foi dividido em quatro seções. Na primeira, temos a introdução. Na segunda, “Considerações sobre Sociedade, Identidade, Cultura e Literatura”, o objetivo foi refletir sobre os conceitos básicos que dão sustentação a este trabalho, que são: identidade, cultura, territorialização, perda territorial, linguagem e suas relações com o campo da literatura e com o social. Na terceira, “*Graciliano e as Vidas secas*”, abordamos primeiramente, o autor sua trajetória intelectual e política, seus textos e os contextos de sua produção, para, em seguida, realizarmos um panorama de seu romance que foi a fonte desta investigação, tratando do processo de constituição e transformação identitária de suas personagens, atentando as questões culturais e sociais a que referem. Na quarta seção, à análise literária da obra, e finalizando com as considerações finais, que almejamos destacar os pontos mais relevantes da leitura sobre o autor a obra acerca da temática proposta.

SEÇÃO 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE SOCIEDADE, IDENTIDADE E LITERATURA.

O objetivo deste capítulo é trazer uma reflexão sobre os conceitos básicos que dão sustentação à pesquisa, eles são: Identidade, Cultura, Territorialização e Desterritorialização, buscando assim, vincular uma relação entre esses conceitos e a literatura.

O homem não escolhe onde nascerá, assim como não detém o poder de escolher em que tempo isso acontecerá ou a qual classe social pertencerá. Ele não opta pela sua cultura, nem pela sua língua, simplesmente nasce em uma sociedade já formada por outros sujeitos, onde já tem regras estabelecidas, línguas definidas e suas próprias práticas, isso é o que faz alguém se constituir como um ser social e histórico, formando, desse modo, sua própria identidade.

A produção literária se apresenta como lugar privilegiado para nossa atuação na busca de compreendermos as condições sociocultural e histórica de sujeitos que são marginalizados por uma sociedade de regime capitalista, quais os rumos tomados por eles, os caminhos trilhados ou os modos que realizam suas ações.

Através de condições históricas e culturais que permeiam o nascimento do indivíduo e sua vivência, acontece a formação de sua identidade, que é um processo dinâmico e, constantemente, transformado. Assim, é por meio do convívio com os demais sujeitos de uma sociedade que se dão as transformações identitárias. Analisando esses aspectos, no que diz respeito ao homem nordestino brasileiro, da primeira metade do século XX, recorreremos à literatura brasileira, mais especificamente, a obra *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos, que representa muito bem esse espaço geográfico e as práticas culturais de seu povo. Ao relatar a caatinga e as pessoas que ali vivem; o lugar por onde as personagens caminham, pois “quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem” (CÂNDIDO, 2007, p.53). As mazelas sociais vivenciadas na Caatinga, àquelas referentes àquele “ser a quem roubaram horizontes, mas que aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila” (LUCAS, 1987, p. 52).

Procuramos perceber, através dessa obra literária, em seus personagens e enredos, como se estabelece as identidades desses seres maltratados e a expressão de uma consciência crítica, que desvenda os meios de dominação e

marginalização produzidos pela sociedade e, ao mesmo tempo, pode denunciar os desníveis sociais, além da exploração do homem pelo o homem, ou seja, um modo de coisificar os seres humanos e esmagar sua dignidade e os empurrar para as margens da sociedade.

2.1 Produção Literária e Sociedade

Um dos aspectos da literatura é representar a sociedade e os aspectos que a constitui por meio da ficção, do enredo e das personagens, esses estabelecem uma dada relação da realidade a que se referem. Em se tratando da personagem, Cândido (2007) afirma que:

A personagem é um ser fictício,- expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão a mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CÂNDIDO, 2007, p. 55, grifo do autor).

Desse jeito, a literatura propõe retratar os seres e os problemas sociais por meio da ficção. E essa se sustenta no princípio da verossimilhança presente na trama e nas personagens apresentadas, que, apesar de seres fictícias, retratam uma existência presente na humanidade e na sociedade. O romance se centra na relação entre o fictício, manifestado por meio das personagens, e os seres vivos existentes na realidade social. Portanto, “A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”, não sendo estranho que “pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor” (CÂNDIDO, 2007, p. 54, grifos do autor). Aceitação ao considerar se está de acordo, com as circunstâncias históricas, sociais e culturais a que se remete.

As personagens podem ser seres humanos, coisas e animais, sendo classificadas como “*individuais*, ao se identificarem com caracterizados em sua personalidade”, ou “*típicas*, quando aparecem algo que as identificam com um determinado grupo social”, ou *caricaturais*, quando possuem exageradamente características marcantes e definidas. Já pelas funções que desempenham podem ser “*protagonistas*, as figuras principais da história” e/ou “*antagonistas*, os que se

opõem a figura principal” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 50, grifos do autor). Para uma melhor compreensão de tal questão, Candido aponta que:

O Homo fictus é e não é equivalente ao Homo sapiens, pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, mas numa proporção diferente e conforme avaliação, também diferente. Come e dorme pouco, por exemplo; mas vive muito mais intensamente certas relações humanas, sobretudo as amorosas (CÂNDIDO, 2007, p. 63).

O romancista, como criador de uma realidade possível, verossímil, a qual nos apresenta numa narrativa, pode, segundo Cândido (2007, p. 71-13), criar seus personagens por meio de diversos procedimentos, balizado pela cópia fiel de pessoas reais, como é o caso de Fabiano e sua família, onde, através da ficção, Graciliano Ramos cria seus personagens, que representam a realidade vivida por diversas pessoas reais, no sertão nordestino; ou inventando-as a partir de formas especiais de trabalho sobre a realidade. Desse modo, alguns ultrapassam do real com relativa fidelidade, pela experiência direta; outros se reconstituem de modo indireto por documentação ou testemunhos; outros aprimorados pela desfiguração de um modelo real, direta ou indiretamente conhecido, e outros, ainda, são construídos por fragmentos de vários seres vivos. A natureza da personagem dependerá, em parte, da concepção que preside o romance e qual é a intenção do romancista. Assim, um traço irreal pode tornar-se verossímil a partir dos valores que o norteiam. E, o contrário poderá acontecer os dados mais autênticos podem não parecer reais e até impossíveis se a justificação não estiver bem elaborada e organizada.

De modo geral, pode-se dizer que “a narrativa é o ato verbal de apresentar uma situação inicial que, passando por várias transformações, chega a uma situação final” (MESQUITA, 1987, p. 21). Os fatos literários podem se distinguir da forma como se narra e daquilo que se narra e a ação da narrativa acontece por meio do movimento das personagens dentro do enredo, o qual “é a disposição artística construída daquelas vivências” (MESQUITA, 1987, p. 22). Logo, o enredo e as personagens não se separam, completam-se; pois, o enredo existe através da ação das personagens e estas vivem no enredo.

A literatura mostra uma forma de lidar, registrar, analisar e transmitir ao leitor uma possibilidade de leitura de fatos históricos e culturais. Ela coloca o leitor não apenas como simples expectador, mas o possibilita a participar ativamente da

cultura e da sociedade à medida que o texto literário descreve paisagens, os espaços físicos, naturais ou artificiais, além dos seres humanos, com suas peculiaridades, emoções, e desejos. Desse modo, Mello (2008) explica que: “o texto literário não se propõe a cristalizar uma noção de “verdade científica”, ele faz uma leitura e representação do social, do espaço; apresenta uma interpretação sobre aquilo que é percebido e vivido pela sociedade”.

A estética literária cria e representa uma imagem da sociedade, de uma época vivida por indivíduos (homens e mulheres), mantendo um diálogo com as condições tanto sociais como culturais que aborda e sobre as quais se refere ou foi elaborada. Para Borges (1996, p. 198), “não existe uma relação unilateral entre a realidade e Literatura, e sim um processo dinâmico de interações e modificações”. A literatura representa nas narrativas, no enredo e nas personagens situações vividas pelo povo, épocas que demarcam momentos históricos. Essa representação do social, retratada pelos literatos, traz ao leitor momentos difíceis vividas pelas pessoas ao decorrer da história, tanto no social quanto no cultural. Sobre a relação entre literatura e sociedade, Velloso explica que:

Ao longo da nossa história político-intelectual, as mais diferentes correntes de pensamento tenderam a conceituar a literatura enquanto instância portadora e/ou refletora do mundo social. Assim a produção literária aparecia como reflexo imediato e diretamente convencionado pela ordem social (VELOSO, 1988, p. 239).

Nesse contexto e sentido, foram raros os autores que buscaram outras formas de pensar a relação literatura-sociedade. Segundo Borges (1996), desde o fim do século XIX uma vertente de nossa intelectualidade acreditou que a sociedade só poderia ser apreendida pela ciência e nem mesmo a literatura escapou de tal influência. Sendo assim, ela deveria exibir os fatos sociais de maneira fiel, trazendo a ideia de ser um reflexo imediato do real, uma forma de registro do acontecido, sendo a cópia da sociedade. Essa concepção de matriz positivista prevaleceu nas visões realistas e naturalistas de literatura, que, buscando respeitabilidade, escoravam nos parâmetros cientificistas. Desse modo, a literatura representadora do real, poderia usar mais ferramentas da ciência, a observação, o discurso de forma objetiva e à conceitualização.

Partindo da premissa da literatura como representação da sociedade, sendo fundamental na construção da nacionalidade e na ideia de brasilidade, na década de

1930, o romance toma rumo que se afasta do subjetivismo dos modernistas e cria vínculos diretos com a sociedade, com o regionalismo e com o sertão. É o que se pode pensar segundo Veloso:

Para os ideólogos do Estado Novo, o romance da década de 30 representa a verdadeira literatura, porque voltado para a construção da nacionalidade. Unindo os elementos inspirados na modernidade com aqueles herdados da tradição naturalista, o romance de 30 iria perder muito do ímpeto modernista. [...] a literatura volta a ganhar sua aura_ identificada como uma função social [...] Assim, a funcionalidade da arte, levada ao extremo, acaba esvaziando-a do seu verdadeiro papel, que é o da transformação e recriação poética da realidade. [...] A partir daí, estabelece-se uma verdadeira antinomia, que vincula *sociologia, objetividade-sertão-brasilidade* em contraposição a *literatura subjetividade-litoral-cosmopolitismo*. A série sociológica, eleita como a mais capacitada para o conhecimento da nacionalidade, acaba desaguando na tradição regionalista. [...] a região sempre se constituiu em referencial obrigatório para se pensar a nação. [...] Assim, o ponto de partida para se traçar uma interpretação da nacionalidade deveria ser regional e rural. [...] Daí porque os ideólogos do Estado Novo saúdam com entusiasmo o romance dos anos 30, vendo a corrente 'sociológica-regional' como anunciadora dos novos tempos. Segundo sua avaliação, tal corrente levaria a um reencontro com o Brasil, determinando o 'fim do período subjetivo', dos 'abusos da literatura' e do esteticismo modernista [...] (VELOSO, 1998, p. 243-246, grifos do autor).

Conforme Candido (1985, p. 123-5), o romance do decênio de 1930 é “fortemente marcado de neonaturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país”, tais como a decadência da aristocracia rural e a formação do proletariado, a poesia e a luta do trabalhador, o êxodo rural e o cangaço e a vida difícil nas cidades em rápida transformação. É um romance marcado pela preponderância do problema sobre o personagem, de como se dá sua força e sua fraqueza; que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, fundindo a libertação do academicismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário, às tendências de educação política e reforma social; acrescido a vontade de conhecer com mais detalhes o país, indo de encontro ao povo” por intermédio de uma arte que se interessa e investiga a história-sociológica.

Segundo Moisés (2001, p. 339), a produção ficcional dos anos de 1930 “corria por trilhos próprios, obedientes a cânones, perspectivas e compromissos nem sempre alinhados com o movimento de 22”, com o “romance social, mais próximo da geração realista dos fins do século XIX que do esteticismo modernista.” Já na década de 1940, aconteceu uma reviravolta que trouxe uma preocupação de ordem morfológica e estrutural no que diz respeito aos domínios da ficção, mas a prosa pós-guerra manteve-se movida por anseios menos experimentalistas e presa por

condição à realidade concreta (MOISÉS, 2001). Isso se deu na ficção de costume ou psicológica, contemporânea aos ficcionistas voltados para o regionalismo, cujos antecedentes imediatos se enraízam no decênio de 1930 (MOISÉS, 2001). Dando continuidade a prosa da década de 30, os autores buscavam aprofundar-se nas características humanas mais regionais e, com isso, atingir uma universalidade, dando preferência às vias do realismo (MOISÉS, 2001, p. 364-5).

Nesse contexto de regionalismo e de preocupação com a realidade, podemos mencionar Euclides Neto, leitor de Graciliano Ramos, ele também procurou denunciar a exploração do pobre pelo rico, do proprietário que explorava seus funcionários. Conforme Borges (1996), “tanto na década de 1930 quanto na de 1960 havia o propósito de contextualização dessas experiências”. Desse modo, a literatura traz em seu conteúdo textual dimensões individuais, coletivas e históricas de uma determinada realidade social e, dessa, produz abstrações, leituras que revelam sua forma de existir, de ser, sua constituição.

O texto literário não está fora da história ou da realidade social, mesmo não sendo um texto de historiografia, pode ser considerado como tal, mas com características próprias, ao apresentar mecanismos presentes numa sociedade, como formas de dominação, relações de poder, ideias e aspirações de segmentos sociais. Nesse sentido, afirma Cardoso (2006), que a literatura, que expressa o imaginário de um povo e expõe suas contradições, vem denunciando as formas de dominação, de poder.

Desse modo, muitos autores e estudos literários tem interesse de analisar e pesquisar sobre a realidade dos sujeitos excluídos e marginalizados pela sociedade a qual faz parte, um exemplo disso, é o retirante nordestino que precisa mudar-se de um lugar para outro em busca de uma melhoria de vida e para fugir da opressão do rico sobre o pobre.

Lidar, representar formas de dominação, posturas e aspirações de um povo, assim como o contexto histórico, cultural e linguístico, tornam aspectos do texto literário, por se constituírem como algo primordial a formação da identidade de um grupo social ou indivíduo. Afinal, a literatura, quase sempre vai além da estética e nos apresenta a realidade da vida social, como problemas e angustiam vividos pelas personagens, pela a reconstrução do tempo, do espaço, do lugar e da cultura de um determinado povo. Segundo Borges (2010), o trabalho com a fonte literária requer atenção a três aspectos:

Pensando que as narrativas, sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações. Desta forma, há uma tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta pela escrita, o texto e a leitura (BORGES, 2010 p. 95).

As narrativas, históricas ou literárias, são veículos que comunicam através das representações dos espaços, tempos, e acontecimentos históricos vividos por pessoas, são reflexões sobre as relações de sujeitos que vivem a história dentro da literatura. No entanto, o leitor/receptor recebe o texto e o decodifica conforme suas experiências de vida.

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo o seu aparato mental e simbólico (BORGES, 2010, p.98).

Assim, a literatura registra pontos importantes da vida social a partir de uma aguçada percepção do real, de experiências humanas vividas dentro de uma sociedade. É uma maneira de representar o meio e o tempo em que o indivíduo está acrescentado, usando o recurso da verossimilhança que dialoga com a realidade, refletindo o que pode vir a ser na realidade social. Sobre isso, Siqueira (2010) explica que:

A literatura suscita a história. Todo autor, em toda parte, coloca diante de si – conseqüentemente ou não – a questão inelutável do meio social e a quem remete a obra. Ou seja, o autor e, em consequência, a obra, ganha aí rubrica do seu “chão social”. Assim, naturalmente, como forma de expressão, colocam autor e obra temas históricos e sociológicos por definição: o gosto das classes, as ideias sociais, ideologias e mentalidades coletivas de época (SIQUEIRA, 2010, p. 99).

A literatura, portanto, ressignifica à história dando a liberdade de variar as interpretações. O literato mostra uma realidade social ao leitor e o enredo expressa uma vida que parece real, pois envolve personagens, tempos históricos e espaços sociais. Desta feita, Mesquita (1987) aponta que se deve:

Considerar o enredo como a própria estruturação da narrativa de ficção em prosa. Ele será não o somatório, mas o produto das relações de interdependência entre a sucessão e a transformação de situações e fatos narrados e a maneira como são dispostos para o ouvinte ou o leitor pelo o discurso que narra (MESQUITA, 1987, p. 21).

A autora ainda esclarece que “a ação em uma narrativa se desenvolverá a proporção que as situações vão se modificando” (MESQUITA, 1987, p. 21). Elementos importantes na narrativa como tempo e espaço se modificam de acordo com a movimentação dos personagens, as descrições físicas ou morais das personagens, assim como objetos e paisagens, são contados por meio da voz narrativa, que “é a voz que articula a narração. É o sujeito da enunciação, tão ficcional quanto qualquer personagem” (MESQUITA, 1987, p. 38). Assim, a história pode ser narrada em primeira pessoa, tendo o narrador como personagem protagonista, ou em terceira pessoa, quando ele apenas conta a história. Borges (2012) esclarece que:

As representações do mundo social, de uma realidade, tanto objetiva quanto subjetiva, de um tempo e lugar, resultam do entrecruzamento de aspectos individuais e coletivos. O literato não cria a partir do nada. Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história (BORGES, 2012, p. 103).

Assim, a literatura se apresenta como testemunha da história, já que, é por meio do contato com a sociedade que o literato produz sua obra, na qual transforma e traz combinações de elementos presentes na sociedade. Portanto, a literatura é, também, um fruto do processo social, e assim, produz uma representação dos aspectos identitários presentes nos campos sociais quanto age no sentido de estabelecê-los.

As representações sociais, dentre elas as literárias, estão ligadas a formação da nossa identidade e as nossas práticas diárias, assim como, a produção de sentidos simbólicos, com os quais nos deparamos ao longo da nossa experiência social. É através delas que estabelecemos lugares, hierarquias e divisões, a partir de como nos posicionamos no centro de um campo sociocultural e histórico. Desse modo, as representações sociais se relacionam com nossas vivências e identidades culturais. Segundo Chartier (2002), as representações culturais, coletivas, presentes numa sociedade, são matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social, na

medida em que comandam atos, sendo incorporadas e apropriadas pelos agentes sociais.

As representações trazidas pela literatura, em conexão com uma realidade exterior, ao serem analisadas, atingem o leitor, seu mundo e a maneira que ele se vê. Imagens próprias de si mesmo, do mundo, e de suas práticas culturais, isso o permite a produção e o reconhecimento do sujeito social, ao mostrar um jeito próprio de ser no mundo e de centrar uma unidade em oposição à outra. Essas construções sociais é o resultado de força sempre presente entre diferentes grupos e categorias que formam uma sociedade, havendo tanto aceitação quanto resistência às imagens produzidas e veiculadas, correndo contínua luta de representação devido ao seu poder de ordenar, hierarquizar e comandar os atos dos indivíduos em sociedade.

Desse modo, nesse capítulo, pudemos observar a importância do texto literário como representação social. O autor ao criar uma obra literária, por meio da ficção, ele representa de alguma forma um modelo de sociedade, isso aparece por meio dos personagens e do enredo. À literatura, portanto, dá um novo significado à história, e permite ao leitor infinitas interpretações. No próximo capítulo, nos atentaremos em mostrar a influência do escritor Graciliano Ramos para a literatura brasileira, mapeando suas obras, além de uma parte de sua biografia.

SEÇÃO 3. GRACILIANO RAMOS E AS VIDAS SECAS

Pretende-se, neste capítulo, abordar em conjunto, três importantes aspectos da obra *Vidas Secas* que são: o autor, o texto e o contexto em que foi produzida e a que se refere. Para tanto, atentamos para pontos estéticos da obra e do autor, sua linguagem e filiação aos movimentos e escolas; a sua trajetória e sua posição; aos contextos a que o texto se refere e aqueles em que se deram sua elaboração. Com isso, pretendemos historicista a produção e o produtor cultural, inserindo-os no tempo e no espaço, na sociedade em que o autor viveu e praticou seu ofício, e ainda, aquela, que se constitui como referente de sua narrativa.

Sobre texto e contexto, Cândido nos traz uma importante consideração, que nos fará entender como o meio influência na inspiração do autor:

De fato, antes se procurava mostrar que o valor e o significado de uma obra de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tem de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CÂNDIDO, 2007, p.13-14)

Dessa forma, queremos aprender mais o fenômeno literário e questões que são abordadas na obra, visto que uma obra literária introduz em seu conteúdo textual tanto os elementos básicos como temas e assuntos de que se tratam quanto os mais formais, estéticos, sendo na sua completude, uma expressão que incorpora traços que vêm das experiências individuais do autor, assim como, das dimensões coletivas e histórica de determinada relação social. E, a partir disso, é realizada uma produção de leitura que revela e registra uma forma de existência e de constituição do mundo social.

Nesse caso, nos atentaremos, primeiramente, ao escritor Graciliano Ramos, a sua trajetória intelectual, a sobreposição de sua obra com os contextos que a envolve, seu papel na política e na cultura. Ramos foi um literato que buscou dar voz, em suas obras, aos oprimidos e excluídos pela sociedade, pessoas que são

vistas como coisas, pessoas que são vistas apenas como força de trabalho para atividades brutas, a exemplo do retirante nordestino, sem voz, zoomorfizado pelas agruras da sociedade.

Usando seu pensamento como horizonte de pontuação, buscamos compreender o modo pelo qual Graciliano Ramos solidificou sua trajetória intelectual e como abordou problemas que preocupavam a sociedade brasileira ao escrever seu romance. Dessa forma, é do nosso interesse saber como foi que o autor percorreu um caminho como intelectual, literato e, como, ele tratou de maneira política, as questões que afligiam o Nordeste brasileiro na década de 1930, bem na era Vargas, e que o fez buscar dar voz ao sertanejo nordestino.

3.1 Graciliano Ramos, sua obra e o tempo.

Ao falar de Graciliano Ramos já nos remetemos ao Nordeste, pois a maioria de suas experiências foi nessa região. Foram essas experiências que alimentaram a ideia de que o ser humano que, é oprimido pela fome, sede e miséria, sofria pela desigualdade social e que essas angústias deveriam ser relatadas por ele em suas obras, como foi em *Vidas Secas*, que traz o retirante nordestino, sofrido pela opressão social, a perda territorial e de identidade.

Para Abel (1999), o Nordeste ganha lugar de destaque nas narrativas de Ramos, pois a seca retratada em seus enredos é uma das causas da fome, da sede e do sofrimento do nordestino, que imigra para outras terras, em busca de sobrevivência.

Ramos nasceu e viveu boa parte de sua vida em Alagoas, pertencia à classe dos proprietários, das elites do lugar, mas, mesmo assim, sempre teve o olhar voltado para os oprimidos e explorados por outros homens que retiravam a voz e a dignidade dos pobres marginalizados pela sociedade daquela região. Todavia, cabe salientar que o Nordeste como região brasileira não é um dado natural, mais, sim, o fruto de uma construção histórica e social levada a cabo pelas elites políticas e literárias daquele espaço, iniciada por volta da década de 1910 do século XX.

A partir desse viés criou-se primeiro a ideia de Nordeste e depois do ser nordestino, como um sujeito que possui características tão próprias que seria possível identificá-lo. Porém, essa identidade nordestina, que foi criada pelas elites a partir de 1920, só ganhou popularidade duas décadas mais tarde, com ações

variadas, dentre elas a de Gilberto Freyre, no campo sociológico; de Luiz Gonzaga, na esfera da música, e dos literatos do chamado Romance de 30, como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, dentre outros. Suas obras construíram uma dada forma de olhar para o Nordeste e de ver seus habitantes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

Graciliano nasceu no dia 27 de outubro de 1892, em Quebrangulho, Alagoas, região do Nordeste brasileiro, ele viveu, experimentou e presenciou a vida nordestina. Seu pai era proprietário de um comércio e sua mãe era filha de fazendeiro dono de engenho. Foi um dos 15 filhos de uma família que pertencia à classe média do sertão nordestino onde viveu toda sua infância, parte em Palmeira dos Índios (AL), em Buíque (PE) e em Viçosa (AL). Nesses lugares vivenciou as longas estações das secas e passou por momentos de violência devido as várias surras que seu pai lhe aplicava, o que o fez considerar, desde cedo, que as relações humanas eram marcadas pela violência.

Ainda de acordo com Abel (1999, p. 19), “Graciliano Ramos era da classe dos proprietários de terra, do latifúndio, também ligado ao comércio, esporadicamente homem do governo, na medida em que exerceu vários cargos públicos, por eleição ou nomeação”.

Logo nos primeiros anos de vida, em 1985, sua família mudou-se de Quebrangulho - AL para a fazenda pintadinho, em Buíque, no sertão de Pernambuco. Nesse local teve seus primeiros contatos com as letras, iniciando sua alfabetização, conforme Abel (1999, p. 13).

Pólvora (1975, p. 13), o mote memorialista abrange muitos livros do conjunto da obra de Graciliano. Nesse sentido, pelos meandros da memória, se remeteu a esse período de sua vida e às experiências no meio rural, através de *Infância*, de 1945, como descreve o narrador.

Mergulhei numa comprida manhã de inverno. O açude apoiado, a roça verde, amarela e vermelha, os caminhos estreitos mudados em riachos, ficaram-me na alma. Depois veio a seca. Árvores pelaram-se, bichos morreram, o sol cresceu, bebeu as águas, e ventos momos espalharam na terra queimada uma poeira cinzenta. Olhando-me por dentro, percebo com desgosto a segunda paisagem. Devastação, calcinação. Nesta vida lenta sinto-me coagido entre duas situações contraditórias- uma longa noite, um dia imenso e enervante, favorável à modorra. Frio e calor, trevas densas e claridades ofuscantes. (RAMOS, 2003, p. 21)

O narrador remete a duas situações diferentes que marcam a vida no nordeste, o tempo bom das chuvas e o tempo difícil de seca, tempos que foram tratados em *Vidas Secas*, obra que seria lançada em 1938. Em 1899, Ramos e sua família mudaram-se para Viçosa, Alagoas. Segundo Ramos, rememorando em *Infância*, de 1945:

De repente me vi apeado, em abandono completo, num mundo estranho, cheios de casas, brancas ou pintadas, sem alpendres notáveis. Havia duas maravilhosas: uma de quadrados fascinantes, uma que se montava noutra. Avizinhei-me do sobradinho, fugi medroso e confuso: nunca teria podido imaginar uma casa trepada (RAMOS, 2003, p. 47).

A voz narrativa mostra como foi à impressão do autor quando viu a cidade pela primeira vez e como foi a experiência de mudanças pelo sertão nordestino. Ramos tocava a fundo numa realidade social brasileira e relatou suas experiências ali vividas, a seca, a fome e o clima desfavorável da região, foram esses fatores que serviram como matéria prima para escrever seus textos literários.

Em 1904, com apenas 11 anos, publicou o conto “O pequeno pedinte”, no jornalzinho *O Dilúculo*, que foi criado por ele durante o tempo que esteve no “Internato Alagoano”, de Viçosa, onde estudava desde os sete anos de idade. Foi a partir daí que começou sua vida como literato. Em 1905, foi para outro colégio interno, o “Quinze de março”, em Maceió, cidade onde ele fez os estudos secundários, mas não chegou a cursar faculdade. No ano seguinte, redigiu o periódico *Echovescosense*, que tinha período quinzenal, mas que só teve duas publicações, já que, Mário Venâncio suicidou-se, ele que era um dos redatores do jornal e seu mentor intelectual. No mesmo ano, usando pseudônimo, desta vez o de Feliciano de Olivença, publicou sonetos na revista carioca *O Malho*, na qual continuou colaborando, como em 1909, oculto pelos nomes de Soeiro Lobato e Soares de Almeida Cunha. No mesmo ano, ainda em Maceió, começou a colaborar com o *Jornal de Alagoas*, publicando o soneto “Céptico” com o codinome de Almeida Cunha, além de vários outros trabalhos também sob diversos pseudônimos, como o já mencionado Soares de Almeida Cunha e Lambada, empregados nos textos em prosa até 1913 (GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS, 2013).¹

¹ <http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/> Acessado em 10/03/2018 às 21:43h.

Quando completou 18 anos, em 1910, mudou-se para Palmeira dos Índios – AL onde estabelecera sua família, ele ajudava o pai num pequeno estabelecimento no comércio, uma loja de tecidos. Foi nessa cidade que ele deu sua primeira entrevista, como escritor, ao *Jornal de Alagoas*, de Maceió. Um ano depois, começou a colaborar com o jornal *Correio de Maceió*, também como Soeiro Lobato, codinome que usava na tentativa de manter sua verdadeira identidade em segredo. Em 1914, foi para o Rio de Janeiro com o objetivo de trabalhar na imprensa carioca, sendo revisor de provas tipográficas em jornais como *Correio da manhã*, *À tarde* e *O século*. Ele também colaborou, simultaneamente, com o jornal fluminense *Paraíba do Sul* e com o *Jornal de Alagoas*, assinando seus textos como R. O. (Ramos de Oliveira), os quais foram mais a frente, juntos e passaram a compor sua obra póstuma *Linhas Tortas* (1962). Em setembro de 1915, voltou a Palmeira dos Índios, onde deixou de colaborar com todos os periódicos acima mencionados e casou-se com Maria Augusta de Barros. Com ela teve quatro filhos, ela morreu anos depois em decorrência de complicações no parto. Graciliano passou cinco anos sem publicar nada, mas em 1921, passou a colaborar com o jornal semanal palmeirense *O Índio*, ainda usando codinomes, agora como J. Calisto, Anastácio Anacleto, Lambada e J.C. em 1925, começou a escrever *Caetés*, obra que seria seu primeiro romance. (GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS, 2013).²

Em 1926, ele foi nomeado presidente da junta escolar de Palmeira dos Índios e, um ano depois, foi eleito prefeito da mesma cidade pelo partido Democrata, conforme Faccioli (1987) tomou posse em 1928, ano em que se casou com sua segunda esposa Heloísa Leite de Medeiros. As experiências que vivera como prefeito, serviram de material para a escrita do seu primeiro romance, *Caetés*, escrito no mesmo ano que José Américo de Almeida publicou *A bagaceira*. Ao escrever para o governador de Alagoas, em 1929, um relatório de prestação de contas do município, um resumo dos trabalhos realizados pela prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928, esse foi publicado pela Imprensa Oficial do Estado no mesmo ano, e seu entusiasmo de escritor foi revelado. Devido à qualidade literária, o texto chegou às mãos de Frederico Schmidt, editor, o texto chamou muito a sua

² <http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/> Acessado em 10/03/2018 às 22:30h.

atenção e este passou a convencer Ramos a publicar *Caetés* e o que mais possuísse de escritos.

Sobre esse momento tão importante e os fatos que o marcaram, Ramos, em 1937, em carta ao tradutor Raúl Navarro, que lhe pedira seus dados biográficos, escreveu:

Os dados biográficos é que não posso arranjar, porque não tenho biografia. Nunca fui literato, até pouco tempo vivia na roça e negociava. Por infelicidade, virei prefeito no interior de Alagoas e escrevi uns relatórios que me desgraçaram. Veja o senhor como coisas aparentemente inofensivas inutilizam um cidadão. (GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS, 2013)

No ano seguinte, o que marcou a revolução de 1930, que fez de Getúlio Vargas presidente do Brasil e inaugurou a chamada segunda república, ano também no qual Rachel de Queirós publicou *O Quinze*, que relatava a seca de 1915. Graciliano Ramos escreveu artigos para o *Jornal de Alagoas*, usando o nome de Lúcio Guedes; foi morar em Maceió e foi nomeado diretor da Imprensa Oficial do Estado de Alagoas, um mês após o cargo de prefeito (FACIOLI, 1987, p. 43). Ao demitir-se do cargo de diretor da Imprensa Oficial, em dezembro de 1931, por motivos políticos, como não suportava os interventores militares do governo Vargas, voltou a Palmeira dos Índios onde fundou uma escola na sacristia da igreja Matriz e, neste espaço, deu início à escrita dos primeiros capítulos de *São Bernardo*.

Refletindo sobre este período histórico, Prado Junior (1977, p. 11) afirma que o termo “revolução” aponta uma mudança no poder político do Brasil na década de 1930 face às reformas e transformações que visavam reestruturar a vida do país. Quem controlava o poder político eram as oligarquias e o coronelismo, esse poder era contestado por alguns militares (os tenentes), como também pelos camponeses, pequenos comerciantes e operários, que lutavam por reforma e queriam ser mais atuantes na política:

A Getúlio Vargas cabia a tarefa não só de fazer cumprir as promessas da Aliança Liberal, mas de equilibrar-se entre interesses e correntes ideológicas conflitantes. À sua esquerda, os tenentes, inspirados por um marxismo, imberbe, exigiam mudanças radicais; à sua direita, os estancieiros e grandes proprietários de terras, apenas preocupados em acotovelar-se no parapeito do poder e assim continuar influenciando nas decisões; à sua frente, um país sem feições de nação, um povo sem direitos mínimos de cidadania, uma classe trabalhadora urbana com reivindicação cada vez mais claras (MENDES, 1986, p. 30).

No que diz respeito ao campo e à questão agrária, desde o período colonial, existia o senhor que era proprietário da terra e que possuía o domínio absoluto sobre ela, mas quem trabalhava nessas terras eram homens escravizados ou livres, submissos a ele. A produção nos engenhos de açúcar ou nas fazendas de gado pertencia, em sua maior parte, ao proprietário, ao senhor da fazenda, os trabalhadores se sustentavam com uma parte quase insignificante. O romance *Vidas Secas* que mais tarde retrataria os mecanismos de dominação exploração dos proprietários das terras sobre os trabalhadores, herdadas de longe e geradoras de experiências de perda de suas moradias do ser humano oprimido pelo sistema de produção.

Em 1932, ano que corresponde à publicação de *O menino do engenho*, do autor José Lins do Rego, Ramos, que estava sem emprego e sem esperança, passou a dedicar-se a escrever *São Bernardo*. Em 1933 retornou a Maceió, pois foi nomeado, em janeiro, diretor da Instituição Pública de Alagoas, cargo correspondente ao que hoje se diria secretário de educação (FACIOLI, 1987). Ai conheceu Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado. Nesse mesmo ano publicou seu primeiro romance, *Caetés*, pela editora Schmidt, do Rio de Janeiro e foi contratado como redator do *Jornal de Alagoas*, onde publicara diversos textos, entre eles “comandante dos Burros”, “Doutores” e “Mulheres”. (GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS, 2013).³

Segundo Pólvora (1975, p. 21), *Caetés* “é produto do realismo psicológico” e já aponta “o estilo telegráfico das próximas obras o romancista procura deliberadamente a condensação”, sendo um romance:

Filho natural da mais recente etapa do neorealismo brasileiro – o realismo de 30, quando principia a ocupar a geografia nacional, mas ainda não se despegou da doutrina básica do naturalismo: a ideia de que o homem é condicionado por fatores externos que não domina fatores de natureza social, sociológica, atávica (Pólvora, 1975, p. 17)

Sodré (1988, p. 555), considera que o livro é “uma pequena intriga de província, sem grandes horizontes” e, por isso “mesmo, parece abafado pelo reinado dos documentários com a realidade nordestina” que “vai sendo desvendada e posta ao alcance de todos”.

³ <http://graciliano.com.br/site/obras/> Acessado em 15/03/2018 às 14:22h

Em 1934, publicou *São Bernardo*, seu segundo livro, pela Editora Ariel, do Rio de Janeiro. Para Pólvora (1975), *São Bernardo* é o livro menos pessoal de Ramos, o mais imaginado, “alheio às lembranças” (PÓLVORA, 1975, p. 25), “aparentemente desenraizado de si mesmo” (PÓLVORA, 1975, p. 26), ainda que tipos e situações familiares a Graciliano no seu tempo de comerciante em Palmeira dos Índios fornecessem a crônica da vida calcada nos costumes e nos enredos. Com ação que transcorre a poucas léguas de Viçosa, numa fazenda de algodão, mamona e gado, retrata a classe média rural, proprietária, numa linguagem enriquecida “de regionalismos, de expressão coloquiais, de palavras e ditos próprios do falar nordestino” (PÓLVORA, 1975, p. 27). Linguagem “trabalhada literariamente até a última possibilidade” e que estabelece “uma identificação – a de Graciliano com sua personagem, com o meio, com a sociologia do ambiente” (PÓLVORA, 1975, p. 28), num “jeito sintético e direto, contido e denso” (PÓLVORA, 1975, p. 28), fugindo ao que não é essencial, contornando subterfúgios, evitando extrapolações, subtraindo contrapesos verbais.

No ano de 1935, a política brasileira sofreu um abalo devido a Intentona comunista. O governo de Vargas promulgou uma Lei de Segurança Nacional, com isso aumentou a repressão e restringiu as liberdades públicas frente a um “movimento” comunista que tinha como lema “pão, terra e liberdade”, que conseguiu ganhar muitos seguidores. Diante disso, o governo Getulista decretou a repressão, o que ocasionou a prisão de milhares de pessoas, e já deu início a criação do Estado Novo, em 1937. Em março de 1936, mesmo antes da implantação do Estado Novo, mas por causa do horror instaurado por Vargas depois da Intentona, Ramos foi preso em Maceió e levado ao Recife, de onde embarcou para o Rio de Janeiro junto a mais 115 presos, a bordo do navio “Manaus”, sendo acusado de subversão.

Durante a ditadura de Vargas e do temido coronel Filinto Muller, sob a acusação de ter “ideias extremistas”, ele ficou preso no Rio até janeiro de 1937, passou por diversos presídios, como o Pavilhão dos Primários da Casa de Detenção, a Colônia Correccional de Dois Rios (na ilha grande), voltou à Casa de Detenção e, por fim, ficando na Sala da Capela de Correção. Em *Memórias do Cárcere*, obra de 1953, Graciliano Ramos, relata contundentemente sua vida durante esse tempo encarcerado, sendo publicado após a sua morte, no mesmo ano que foi escrito. Ainda preso, contou com ajuda de amigos, dentre eles José Lins do Rego, para publicar seu romance *Angústia*, pela editora José Olympio, do Rio de

Janeiro, muito bem avaliada pelos os críticos, que diziam que essa era sua melhor obra, nela, ele retratou a decadência da família rural, a imprensa corrupta, a malandragem na política, o crime, a loucura, a ruína da burguesia.

Angústia é outro “romance naturalista” e aborda a burguesia pequena, encolhida e acuada de Maceió. As cenas e tipos são frutos da infância de Ramos. Suas memórias serviram para enriquecer a obra, sem manobras, com fatos da realidade do escritor que não ficaram limitadas apenas às recordações trazidas do interior alagoano, mas também de suas experiências como burocrata e jornalista na capital, antes de ser preso por motivação políticas. Assim, constituiu-se como um “Romance de intensa e dorida sociologia nordestina, na sua viscosidade dramática”, conforme Pólvora (1975, p. 31-33).

Para W. Martins (1977-78, p. 84 grifos do autor), com *Angústia*, Ramos “afastava ainda mais do ‘realismo socialista’ e da ortodoxia em que os meios de Esquerda (a que ele dizia pertencer) desejavam vê-lo circunscrito”.

No meio memorialístico, à frente, em *Memória do Cárcere*, Ramos traria suas experiências como preso nas prisões Varguistas e como era a perseguição aos que formavam oposição do regime autoritário, uma ditadura, remete-se ao contexto em que foi preso, sobre isso vejamos o relato:

No começo de 1936, funcionário na Instrução Pública de Alagoas, tive a notícia de que misteriosos telefonemas, com veladas ameaças: ordinariamente o indivíduo que tenciona ofender outro não o avisa. Mas os telefonemas continuaram. Mandei responder que me achava na repartição diariamente, das nove horas ao meio dia, das duas às cinco da tarde. Não era o que pretendiam. Nada de requerimentos: queriam visitar-me em casa. Pedi que não me transmitissem mais essas tolices, com certeza picuinhas de algum inimigo débil, e esqueci-as: nenhum momento supus que tivessem cunho oficial. Algum tempo depois um amigo me procurou com a delicada tarefa de anunciar-me, gastando elogios e panos mornos, que a minha permanência na administração se tornara impossível. Não me surpreendi. Pelo meu cargo haviam passado em dois anos oito sujeitos. Eu conseguira aguentar-me ali mais três anos, e isto era espantoso. Ocasionara descontentamentos, decerto cometera numerosos erros, não tivera a habilidade necessária de prestar serviços a figurões, havia suprimido nas escolas o Hino de Alagoas, uma estupidez com solecismos, e isto se considerava impatriótico. O aviso que me traziam era, pois, razoável, e até devia confessar-me grato por me haverem conservado tanto tempo. (RAMOS, 1969, p. 8)

Num contexto onde a política fazia culto ao nacionalismo e patriotismo, perseguiam os opositores do governo, principalmente os comunistas, Ramos, com seus posicionamentos e ideias esquerdistas, por sua busca em denunciar os meios de exploração e de dar voz aos excluídos, aos pobres e marginalizados pela

sociedade, por sua visão socialista, foi perseguido e preso sem acusação formalizada e foi transferido para o Rio de Janeiro. Sobre isso, Davi (2007) aponta que:

Durante o período em que ficou preso, Graciliano Ramos não foi indicado, interrogado ou recebeu qualquer explicação que indicasse o motivo exato de sua prisão. Sua situação não foi diferente de centenas de outros presos políticos, encarcerados nas prisões do governo Vargas, no período anterior ao Estado Novo. Após a Intentona Comunista de 1935, o governo promoveu uma feroz repressão aos comunistas, identificados como um dos maiores problemas do Brasil. A polícia política de Getúlio podia prender e interrogar suspeitos de comunismo sem esses terem sido formalmente indicados ou mantê-los na prisão, mesmo quando já tinham cumprido as penas determinadas pela justiça. (DAVI, 2007, p. 32-33).

Em janeiro de 1937, depois de dez meses e dez dias de prisão, com ajuda de amigos e do advogado Sobral Pinto, Graciliano conseguiu a liberdade. Depois disso, resolveu morar definitivamente no Rio de Janeiro e focar na sua nova profissão de escritor. Daí escreve a *Terra dos meninos pelados*, um romance infantil, para participar de um concurso promovido pelo Ministério da Educação e saúde, obtendo o terceiro lugar (FACIOLI, 1987, p. 62). O romance foi publicado em 1939 pela Livraria Globo, de Porto Alegre. Ainda em 1937, ano que ficou marcado internacionalmente pelos bombardeiros de guernica, Picasso, pintou seu quadro, e, no Brasil, ocorreu o Golpe de Estado por Getúlio Vargas, iniciando o Estado Novo, que colocou na ilegalidade a Ação Integralista Brasileira, em 1938, ano em que Ramos publicou o romance *Vidas Secas*, o quarto do autor, em que ele mostra a permanência de estruturas sociais na região nordeste que a dita “Revolução” não resolvera.

A obra *Vidas Secas*, retrata, através de suas personagens, pessoas do nordeste, representantes típicos dessa região, em situação de suprema pobreza, que buscam um lugar menos seco que lhes traga uma condição de vida menos sofrida, “com a compostura de um sereno testemunho”. (PÓLVORA, 1975, p. 34), parecendo “depoimento, reportagem, crônica”. Segundo W. Martins (1977-78, p. 111, grifos do autor), “esse suposto ‘romance’ é, na verdade, constituído por uma série de contos, escritos e publicados em momentos diversos” como esclarece o depoimento do próprio Ramos:

No começo de 1937, utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos.

Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinhá Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos.

Publicada a história, não comprei o jornal e fiquei dois dias em casa, esperando que os meus amigos esquecessem 'Baleia'. O conto me parecia infame e surpreendeu-me falarem dele. A princípio, jurei que as referências fosse esculhambação, mas acabei aceitando como razoáveis o bicho, o matuto, a mulher, os garotos. Habituei-me tanto a eles que resolvi aproveitá-los de novo. Escrevi a 'Sinhá Vitória'. Depois apareceu 'Cadeia'. Aí me veio a ideia de juntar os cinco personagens numa novela miúda _ um casal, duas crianças e uma cachorra, todos brutos (...) Fiz o livrinho sem paisagens, sem diálogos. E sem amor. Nisso pelo menos, ele deve ter alguma originalidade Ausência de tabaréus bem falantes, queimadas, cheias, poentes vermelhos, namoros de caboclos. A minha gente, quase muda, vive numa casa de fazenda; as personagens adultas, preocupadas com o estomago, não tem tempo de abraçar-se. Até a cachorra é uma criatura decente, porque na vizinhança não existe galãs caninos. A narrativa foi composta sem ordem [entre maio e outubro de 1937]. Comecei pelo o nono capítulo. Depois chegaram o quarto, o terceiro, etc. (RAMOS *apud* Martins, W., 1977-78, p. 111-2).

Esse relato de Ramos, sobre a composição de sua obra *Vidas Secas*, nos faz lembrar das reflexões de Cândido (2007) e Proença filho (1992) antes mencionados sobre o processo de construção dos personagens na ficção e sua conexão com o que existe na realidade, sendo marcadas por um paradoxo ente o problema da verossimilhança da possibilidade de um ser fictício comunicar uma verdade existencial, por ter como base modelos vivos e por serem ligados às experiências de vida e da observação.

As personagens de *Vidas Secas* podem ser planas ou desenhadas, tendendo à caricatura ou se tornando tipos, sendo mostradas como representação típicas de um grupo ou classe social, de um setor profissional, de uma etnia e região. Nesse processo acontece uma certa individualização dessas personagens, como o menino mais velho, o menino mais novo, o soldado amarelo, que não possuem nomes próprios, mas há essa individualização na maneira como o narrador se dirige a eles. O próprio Fabiano tem sua procissão de vaqueiro exaltada, para transmitir o modelo de vaqueiro nordestino.

Depois desse romance, segundo o autor, "o fluxo da memória retomará seu curso natural em *Infância* e *Memórias do Cárcere*, sob a forma de confissão desejada e declarada" (PÓLVORA, 1975, p. 34). Ramos não era adepto da política do governo de Vargas, como explicitado a seguir:

A política do governo Vargas passava pelo aspecto pedagógico e ideológico desenvolvido em cada manifestação cultural a fim de levar a população as noções e visões do mundo defendidas pelo governo, professadas por meio

de um nacionalismo xenófobo, característica de uma sociedade que não interagiu com o diferente, elegendo como inimigos os comunistas, os estrangeiros, os homossexuais e os malandros. No tocante à literatura, o governo procurou cooptar a intelectualidade, por meio de incentivos, concursos, etc. Para que escrevessem sobre os temas almejados pelos ideólogos varguistas (exaltação da nacionalidade, temas que não atacassem as políticas governamentais e promovessem a noção de uma nação harmoniosa). (DAVI, 2007, p. 27).

O ano de 1939 foi marcado pelo início da segunda guerra mundial, Ramos foi nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro, um ano depois, traduziu uma importante obra *Memórias de um negro*, de Booker T. Washington, serviço prestado para a Editora Nacional, de São Paulo. Ainda no ano de 1940, frequentou com frequência a sede da revista *Diretrizes*, na companhia de Álvaro Moreira, Joel Silveira, José Lins do Rego, dentre outros, “conhecidos comunistas e elementos de esquerda” (DAVI, 2007, p. 27), conforme descrição de sua ficha na polícia política.

Em 1941, publicou uma série de crônicas na *Revista Cultura Política*, no Rio de Janeiro, que recebeu o nome “Quadros e costumes do nordeste”, no ano seguinte (1942), pela Livraria Martins, de São Paulo, o romance que foi escrito de maneira coletiva, *Brandão entre o mar e o amor*, em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Rachel de Queiróz. Sua próxima publicação foi em 1944, *Histórias de Alexandre, Esse* pela Editora Leitura, do Rio de Janeiro. Já em 1945, publicou *Infância*, pela José Olympio e *Dois Dedos*, pela *Revista Acadêmica*, do Rio de Janeiro, além de ir fazer parte do Partido Comunista Brasileiro. (GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS, 2013), de orientação e comandado por Luís Carlos Prestes, que, em 1925, empreendera a coluna que percorreria o Brasil até 1927.⁴

Já filiado ao Partido Comunista Brasileiro, não media seus piores adjetivos ao se referir a Getúlio Vargas, por considerá-lo um homem corrupto. Para ele, Vargas era um ditador, uma marionete dos generais, movido pelas vontades deles, conforme Abel (1999). Por outro lado, Ramos, “apesar de ser um militante disciplinado, mesmo percebendo as falhas do partido não emitia opiniões contrárias em público e até submetia-se a resoluções partidárias”. (DAVI, 2007, p. 39). Porém, não se curvou às tentativas dos dirigentes e membros do PCB de imporem a estética do realismo socialista – à sua escrita.

⁴ <http://graciliano.com.br/site/obras/> Acessado em 17/03/2018 às 17:15h

1946, foi o ano em que muitas de suas obras ainda inacabadas, vieram a público, entre elas, “*Dois Dedos*” e “*Luciana*”, como também *Vidas Secas* e *Infância*. No ano posterior, lançou *Insônia*, seu sexto romance, pela Editora José Olympio, para quem traduziu, em 1950, o romance *A peste*, de Albert Camus. Em 1952, viajou por países de bloco socialista, além da União Soviética, estavam França e Portugal, ele relatou essas experiências em a *Viagem*, que foi publicado em 1954, um ano depois de sua morte. Depois do seu falecimento muitas de suas obras como, *Memórias do Cárcere* (1953); *Viagem* (1954); *Linhas Tortas, Vivente das Alagoas; Alexandre e outros heróis* (1962); *Cartas*, uma compilação da correspondência pessoal do escritor, em 1982; *Garranchos*, organizado por Thiago Mio Salla, com textos inéditos de Graciliano, em 2012. (GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS, 2013).⁵

A Editora José Olympio teve um papel muito importante na trajetória de Ramos como escritor, publicando o conjunto de sua obra. A Editora e livraria José Olympio era uma das maiores do Brasil no século XX, principalmente nas décadas de 30, 40 e 50, publicou autores como Manoel Bandeira, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda. Na Editora, alguns desses escritores acima mencionados podiam ser encontrados com muita frequência, reuniam-se nos fundos da loja para discutir política, literatura e, de vez em quando, dando autógrafos. Esse lugar reunia quase todo o primeiro time da literatura brasileira, num tempo em que o mercado não dava muita credibilidade aos escritores e que achavam que eles deveriam considerar um favor quem publicasse seus livros. A casa pagava os direitos autorais adiantados e realizava edições com tiragens enormes, logo, tornou-se um ponto de sociabilidade dos literatos. Após deixar a prisão, como preso político da ditadura Vargas, Graciliano podia ser ali encontrado com frequência ao lado de José Lins do Rego. A casa era a editora dos novos: abriu espaço aos modernistas e encapara os grandes nomes do regionalismo nordestino publicando comunistas como Jorge Amado e Graciliano, mas também, integralistas como Plínio Salgado. Assim, obrigava muitos intelectuais que se opunham ao regime varguista, mas editava também os discursos do próprio Getúlio. (TEIXEIRA, 2006).

⁵ <http://graciliano.com.br/site/obras/> Acessado em 17/03/2018 às 19:44h

Como aponta Bastos, que embora Graciliano em suas obras produzisse uma literatura voltada para os oprimidos, sabe que aprimorando a sua sofisticação estética, reforça a instituição e a sociedade da qual ela é uma das pilstras de sustentação. Para ele, a literatura aparece como algo vital, capaz de dar sentido à vida, por isso ele busca dar voz àqueles que estão excluídos socialmente. De acordo com Bastos (1968):

Aspecto central do testamento é a opção de Graciliano Ramos por uma literatura identificada com a vida, oposta àquela entendida e praticada como arte desinteressada. Mas o liame literatura/vida não é natural: resulta de esforço obstinado, pois a vida, tomada como dado bruto, é matéria a ser retrabalhada. A exigência de pautar a escrita pelo o que foi vivido, experimentado, não faz da literatura uma repetição da vida: ao escritor cabe “descascar fatos”, como diz o narrador em São Bernardo (BASTOS, 1998, p. 33, grifos do autor).

Durante sua trajetória, Ramos quis representar o sofrimento do povo nordestino, através de algumas de suas obras, como foi o caso de *Vidas Secas*, que representa a história de uma família que vive o processo de desterritorialização e de exclusão da sociedade. Ele traz, em seus escritos, uma linguagem peculiar, ao dar voz ao marginalizado que sofre opressão por meio da sociedade, Isso por que:

Independente da vontade do homem, a arte nasce da vida e reflete a vida, e a verdadeira base da comparação artística só pode consistir na fidelidade e na profundidade com que representa a vida. Ora nem a vida é estática e nem está somente na superfície dos acontecimentos. (SODRÉ, 1988, p. 383).

Podemos assim, considerar Graciliano Ramos um artista em seus textos, mesmo ele não sendo membro da Academia Brasileira de Letras, pois não era intenção dele ocupar uma das quarenta cadeiras, e muito menos, implorar por votos, esse não era o perfil dele. Conforme Abel (1999, p. 143-144), por sua vez, era muito sarcástico e disse que as cadeiras talvez não pudessem estar ocupadas pelos quarenta que foram eleitos, mas por um número bem acima disso, por ser dessa forma corrupta que funciona a política do Brasil.

Um artista completo, tanto na escritura de ficção quanto na teorização acerca da literatura. Contudo, antes de literato, um cidadão. Não se alienou pra criar... Criou dentro de um contexto e de uma situação sociopolítica, definidos e objetivos. Escritor profissional e político (ABEL, 1999, p. 20)

Desse modo, Graciliano foi um político e um escritor regionalista, que manifestou sua reflexão sobre questões que permeiam a sociedade brasileira, como os aspectos econômicos, políticos e culturais, ele fez isso através da escrita ficcional. Sua vida política foi marcada por sua postura socialista, sempre apaixonado pela humanidade, e nas suas obras, procurou denunciar a exploração e a opressão social advinda do desnível econômico. Esteve sempre ativo nas mudanças que estavam ocorrendo no Brasil, inclusive como político, o que teve reflexo em sua escrita de cunho explicitamente política. Sua escrita é a representação do momento conflituoso e complexo no qual o autor estava inserido, abordando temas pendentes, como a problemática da terra, dos conflitos sociais do nordeste, dando voz aos oprimidos num período em que o Brasil vivia uma ditadura governada por Vargas.

Em sua obra trouxe problemas que acometiam a sociedade brasileira, em especial, o drama vivido pelos nordestinos, com seus conflitos e tensões. Denunciou injustiças, acusou a degradação humana, assumindo posições frente a elas, o desnível social e as contradições socioeconômicas geradas pela sociedade, as quais produziram uma onda de estudos históricos, literários e sociológicos na tentativa de se conhecer e se pensar suas mazelas (DAVI, 2007, p. 26-28). Essa sociedade brasileira, com seus problemas e pendências, foi apresentada em *Vidas Seca*, que

Causou grande interesse na época pelo tom de denúncia, ou seja, por mostrar um Brasil que estava invisível. Távora já no século XIX tentava fazer essa parte do país ser vista, mas é só no decênio de 1930 que há condições favoráveis para que essa visão prevaleça (ARAUJO, 2006, p. 30).

Desde o fim do século XIX, o Brasil perseguia a ideia de “país novo” que ainda não possuía recursos para cumprir suas responsabilidades e anseios de desenvolvimento social e econômico do dito “progresso”. Nesse contexto, a “geração de trinta nordestina se reuniu em torno da problemática da terra, meditando e denunciando os conflitos sociais da região. (DAVI, 2007, p. 26). Ramos abordou as questões que inquietavam essa sociedade, suas contradições, seus conflitos e suas tensões em suas obras, que apresentam as injustiças e a degradação humana, o desnível social e as desigualdades sociais e econômicas.

Segundo Bosi (1980), nas décadas de 1930 e 1940, o romance brasileiro apresentou variadas interpretações tanto da vida quanto da história do nosso povo por meio da pesquisa humana e social, trazendo de forma explícita suas fraquezas e sua força perante os problemas econômicos, sociais, políticos e culturais. Esse âmbito de crise do poder político, do café e da decadência do nordeste, que abriu frechas nas estruturas locais, marcou os novos estilos de ficção, que trazia mais rudeza e captava mais diretamente os fatos, o que tornava a obra mais naturalista. Mas sempre trazia uma “*visão crítica das relações sociais*”, característica presente na obra de Ramos e deu a ela a grandeza severa de testemunho da realidade, evidenciando seu *engajamento* político e social, que foi o forte dos romancistas entre os anos de 1930 e 1940. Pensando a questão do engajamento na literatura, Denis (2002, p. 9, grifos do autor) “considera que: sumariamente todos sabem que a expressão ‘literatura engajada’ designa a prática literária estreitamente associada à política, aos debates gerados por ela e aos combates que ela implica (um escritor engajado, seria em resumo um autor que ‘faz política’ nos seus livros)”.

Assim, os temas fundamentais de sua obra são a sociedade reificada, o déficit na comunicação dos indivíduos, o processo de animalização dos indivíduos, as injustiças sociais e a submissão das pessoas, sobretudo, aquelas que vivem à margem da sociedade, tais características são representadas através de personagens. Ainda que rompendo com a obsessão fotográfico-documental da década de 1930, exibiu as mazelas sociais e a miséria, preocupando-se e imaginando uma sociedade de seres humanos felizes, tendo a dor e o sofrimento como sentimentos constantes em sua obra (DAVI, 2007, p. 29-30).

Ao tratar de questões sociais, Graciliano preocupou-se com seu estilo e sua linguagem, por isso, eliminou excessivas repetições, encurtou trechos, tendendo a concentração, segundo Lins (2011), o autor tratando de personagens que eram de fato “*Vidas Secas*” trabalhou em um estilo igualmente seco para exprimi-las em construções verbais harmônicas, estando a substância, o conteúdo temático e a forma concentrados na direção de revelá-las, de expressar o sentimento da terra nordestina, áspera, dura e cruel, mas amada por aqueles ligados a ela.

Em admirável estilo de concisão, unidade entre as palavras e os seus sentidos, rígido ascetismo tanto na narração como nos diálogos, rápidos, exatos, precisos. Diálogos e narração que fazem do Graciliano Ramos um mestre do seu ofício de romancista. Um mestre da arte de escrever, acrescento, sem nenhum medo de estar errando. (LINS, 2011. p. 136).

Dessa forma, a representação do mundo em *Vidas Secas*, por Graciliano Ramos, foi marcada pela escassez, tanto de recursos naturais quanto de sentimentos. Ele representou esse mundo, sem amor, sem dignidade, apenas sofrimento e dor, permeada por instintos e um destino fatal, transformando a matéria que é a realidade social, sombria e árida, em literatura, em obra de arte. Portanto, “a visão de Graciliano Ramos é universalista, um ponto de vista próprio de todo o gênero humano. Atentou para a agrura, a desagregação e a alienação do povo, problemas que emanam de uma divisão social injusta” (ABEL, 1999, p. 22).

Graciliano teve a sensibilidade de olhar por aqueles que viviam rodeados de sofrimento e humanos que eram explorados por outros humanos, seres que não tinham voz e que eram empurrados para à margem da sociedade. A partir de seu trabalho, ele deu voz ao indivíduo oprimido e buscou denunciar o opressor, causada pela desigualdade econômica. Conforme Pólvora (1975, p. 36), “Graciliano Ramos escreveu alguns livros sobre temas e indivíduos do nordeste. Criou em torno deles pequeno torvelinho ficcional” numa “literatura de aparência modesta” marcada por “sua fidelidade ao depoimento – compromisso em que ele envolveu até a forma de se expressar”.

Impregnado de ideias socialistas, sem ser, homem ideal de partido, sempre teve o olhar voltado para os oprimidos e explorados. Ele exerceu cargos públicos, inclusive o de prefeito, entretanto, em seus feitos, buscou denunciar a opressão que advinha da desigualdade social (ABEL, 1999, p. 19), Graciliano foi um escritor de seu tempo, engajado nas questões de sua época e as tratou com linguagem seca, sintética, direta e contida, pois “o escritor engajado deseja ser compreendido pelo maior número de pessoas” (DENIS, 2002, p. 80)

Ao longo desse capítulo, apresentamos brevemente as obras de Graciliano Ramos, assim como, sua vida pessoal e afetiva. Mostramos quão forte esse homem foi mostrando-nos uma bravura ao lutar para dar voz aos excluídos, vimos que ele fez isso, através da literatura, por meio de suas obras. O Último capítulo desse trabalho, trará uma análise de uma dessas obras, mais especificamente, *Vidas Secas*. Nela abordaremos a exploração do personagem Fabiano, além da miséria que ele e sua família, composta por ele, sinhá Vitória sua esposa, o menino mais velho e menino mais novo, filhos do casal, além de Baleia, a cachorra que é vista por eles como membro dessa família, são expostos. Veremos como os processos de

opressão e miséria reduz a humanidade do ser humano levando-os ao fenômeno da zoomorfização.

SEÇÃO 4. UMA ANÁLISE DE *VIDAS SECAS*

O contexto e as relações apresentados na obra são resultados do processo de exploração tanto do espaço físico quanto dos seres humanos de origem do período colonial, como a desterritorialização, os empreendimentos agropecuários, a prática da monocultura, entre outros, que se expandem no processo de acumulação primitiva do capitalismo.

As diversas formas de exploração dividiu a sociedade desigualmente. Esta sociedade ficou presa ao sistema de produção social que tem como pauta tirar o máximo de proveito das forças naturais e sociais, e dividiu-se entre ricos e pobres, os que exploram e os que são explorados, que se apresentam de formas diferentes e desiguais entre si. Na análise dessa obra, pretendemos fazer uma abordagem na relação de constituição da identidade das personagens e suas modificações, com as condições culturais, sociais e naturais nas quais estão inseridas, cercadas por variadas perdas, pela pauperização da existência, pela opressão, pela perda de território, pelo silenciamento e pela zoomorfização, como vimos no capítulo I.

4.1 Sobre a Obra

A obra *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos, narra a saga de um vaqueiro nordestino e de sua família, composta por sua esposa, Sinhá Vitória, os dois filhos do casal e a cachorra baleia, que é considerada membro da família. É uma história narrada em terceira pessoa, o espaço é o árido sertão nordestino, marcado pela seca castigante, e, uma vegetação típica da caatinga. O texto traz à denúncia da exploração do homem pelo o homem, além de retratar as mazelas que acomete a vida do sertanejo nordestino.

O enredo se estrutura em volta da família, que são os personagens principais da trama, pois toda a história acontece em razão dos mesmos. À narrativa nos mostra duas crianças que vivem num contexto de fome e miséria, junto aos seus pais. As crianças não recebem o afeto adequado da sua mãe nem do seu pai, pois a situação a qual eles estão expostos não é propícia a isso, e se quer recebem nomes, na trama eles aparecem como menino mais velho e menino mais novo. A cachorra Baleia convive com a família há algum tempo, divide as amarguras com

eles. Ela é considerada um membro da família, diante disso, valores se invertem, e, as pessoas começam a se animalizar, passando pelo o processo de zoormofização e o bicho, (a cachorra Baleia), passa a se humanizar, onde lhe é atribuído sentimentos que não é comum a animais, mas sim a humanos. Outra coisa que é importante ressaltar é o fato do animal receber nome e os filhos do casal não, o que mais uma vez prova a animalização das pessoas e a humanidade atribuída ao bicho. Isso é reflexo do contexto de pobreza extrema no qual eles todos estão inseridos.

O estado de miséria em que a família vive, diminui seus sonhos, assim como seu vocabulário. A escassez não é apenas de comida e dignidade, faltam-lhes as palavras, por isso, eles admiram muito o Sr. Tomás da Bolandeira, um personagem secundário da história. Esse além de posses, exibia um vocabulário rico, o que despertava a admiração tanto de Fabiano quanto de Sinhá Vitória, ela que sonha com uma cama de couro que pertencia ao senhor, já Fabiano sonhava em ter belas palavras, assim como Sr. Tomás tinha.

O tempo que acontecem as ações da narrativa é psicológico, já que não há um tempo determinado pelo o próprio autor, o que nos leva a crer que esse elemento usado por Ramos fora proposital, pois assim, o leitor consegue se aproximar mais das angústias vividas pelas personagens, pois ele (leitor) consegue vê-las com mais intensidade, devido ao fato de não saber em que dia ou tempo o sofrimento vivido por aquela gente terá um fim. Não há na obra uma linearidade que una os capítulos, eles são contos com narrativas próprias.

Fabiano não sabe lidar com as emoções, por isso, ele pensa em abandonar seu filho doente durante a longa caminhada, assim como pensa em matar Baleia quando ela adoecer, mas até nessa missão ele fracassa, vindo a ferir o animal, que morrerá no dia seguinte. Nas horas que antecedem a morte dela, ela sonha com um campo cheio de preás, onde poderia saciar sua fome. O talento de Graciliano estrutura pessoas sem emoções, sem sonhos, enquanto o animal da trama possui esses sentimentos.

Aqui podemos observar seres humanos secos de sentimentos, de afeto, de sonhos, advindos da situação precária em que vivem. A seguir veremos como essa situação interfere na construção e transformação de suas identidades.

4.2 Transformações identitárias

O que diferencia o homem dos demais animais é o uso da razão, pela capacidade de dominar seus instintos, por produzir cultura, ele convive e se estabelece em grupo, em sociedade e desenvolve princípios que norteiam a maneira de viver em coletividade. Dessa forma, a sociedade composta pela diversidade vive constante processo de desigualdade, devido aos objetivos e interesses variados dos diferentes grupos que a compõem, essa sociedade abre espaço para a construção de identidades, que tem como base seu território e suas produções culturais.

Já que a maneira como vivemos em sociedade e a cultura que nela produzimos é o que confere nossa dimensão humana e nos difere dos outros animais, os processos de perda pela qual a humanidade é submetida, a desumanização, também devem ser observadas na história da sociedade. Pois, o mecanismo de exploração do homem pelo o homem pode acarretar à miséria e a violação das condições básicas para sua existência. O homem quando submetido à humilhação, dor, sofrimento, fome, opressão e a perda de dignidade se inferioriza a ponto de se nivelar aos animais ditos irracionais. Junto a esse rebaixamento do homem, o contrário pode ocorrer em relação aos animais, ou seja, a elevação do animal a condição humana, a ponto de se tornar um membro da família, por exemplo. Com tudo isso, essas condições de precariedade de existência podem levar o ser humano a se sentir inferior aos demais humanos. Muitas das vezes as condições econômicas são tão mínimas que não dão conta das necessidades básicas para subsistir, não favorece a manutenção da vida e isso pode levar o homem ao fenômeno da zoomorfização.

Ramos apresenta em *Vidas Secas* uma travessia, o desejo de conquistar condições econômicas básicas para sobrevivência humana e a busca de circunstâncias para produzir os bens necessários à garantia de vida, como um lugar para morar, um trabalho para garantir o sustento, vestes para garantir a proteção do corpo, cuidados com a saúde, de modo geral, a busca da permanência de atividades mantedoras da vida. Nesse trajeto, a identidade das personagens se desfigura, sofrendo perda identitária como ser humano, advinda da pobreza, da opressão e do sofrimento enfrentado.

A família do personagem Fabiano, tem sua identidade desfigurada ao longo da narrativa e no movimento de suas vidas. A fome, a pobreza, a escassez de água e a hostilidade do meio natural, mais especificamente, a Caatinga, que é marcada pela seca castigante, aproxima-os da condição de animal. Nesse contexto desfavorável os dois filhos do casal não possuem nomes próprios, enquanto a cadela de estimação da família tem, ela se chama Baleia. Conforme Kiffer (2002), num contexto tão árido, em que a mortalidade infantil era altíssima, o temor da perda influía nessa prática.

Ao dar nome tão grandioso à cachorra e não nomear os filhos do casal, Graciliano já indica a aspereza que percorre esse universo. Isso porque, como se sabe, o medo de que as crianças não sobrevivessem à fome e a miséria do sertão brasileiro fazia com que inúmeras famílias simplesmente não dessem nomes aos seus filhos (KIFFER, 2002, p. 2)

Ao aproximar o homem do animal, o narrador faz com que “a história vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas. Há um predomínio quase absoluto da cena” (LEITE, 1985, p.47). O narrador, que não é o autor, ao mesmo tempo em que conta os fatos, interroga a respeito dos limites que definem a humanidade, que traçam a condição da humanidade num mundo de valores inversos onde os humanos se animalizam e se coisificam e os animais se humanizam. Essas mudanças de identidade acontecem de acordo com as experiências vivenciadas, de uma vida de miséria, em condições subumanas, num ambiente de escassez e social opressor, explorador e desigual, que são cruciais nessas transformações.

Falando da identidade de Fabiano, que tem comportamento parecido e visto como de bicho, observamos que ele vive separado dos outros homens, onde só mantém um relacionamento bom com outros animais. Animalizando, “os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra” (RAMOS, 1996, p. 18-19), mas sofria “com a família morrendo de fome, comendo raízes”. A rusticidade definia seu corpo, que mantinha um contato direto com a natureza, nem precisava de proteção. Endurecidos quanto cascos, seus pés não sentiam o ardor da terra. Por passar por toda essa carência e miséria, sua identidade de ser humano foi se perdendo, e ele se questionava se era homem ou bicho. Sentia-se humano ao se aposar de uma casa desocupada e o fazendeiro deixá-los ficar, expressando que o sentimento de ligar-se a uma terra dava-lhe ancoradouro, pois deixava de ser vagante, “pisou com firmeza o chão” e disse: “- Fabiano, você é um homem,

exclamou em voz alta” (RAMOS 2012, p. 18). Mas ao pensar um pouco mais, julgou que “não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros”. Não era correto achar-se “um homem” e corrigiu: “- você é um bicho, Fabiano”, o que foi complementado pelo narrador: “Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 2012, p. 18).

De um lado arma-se uma tática de aproximação com a mente de sertanejo, pois são os desejos de Fabiano que se projetam aqui. Mas, de outro, o modo condicional ou potencial (e não o simples futuro do presente) registra à dúvida com que a visão do narrador vai trabalhando o pensamento do vaqueiro (BOSI, 2003, p. 21).

Essa mudança identitária exprime-se ainda em Fabiano que assemelha a si mesmo a um animal ao viver perambulando pela Caatinga fugindo da seca, passando por fazendas que não tinham vida e que tinham sido abandonadas pelos seus moradores que também haviam fugido, por passar por tempos de miséria e sofrimento. São circunstâncias que afetam sua identidade, pois, conforme Bauman (2005), “as decisões tomadas e as experiências e vivências humanas fazem com que a identidade se transforme”. Fabiano vivia como um animal e se via como “um bicho” vencendo as dificuldades. A maneira como o sujeito se reconhece como ser social, se modifica de acordo com sua inserção cultural e social e sua condição econômica. Ele não se sentia membro da sociedade, vivia apartado dos outros homens, reconhecendo-se como um animal forte que sobreviveria às adversidades.

A zoomorfização pode ser observada em qualquer sujeito que tenha comportamentos semelhante ao de animais, como agia Fabiano, ao beber água onde eles bebiam, cavava o chão com as unhas como estes fazem, debruçava-se na terra, e ao saciar a sede, esse animal sente-se satisfeito e feliz, traço que os aproxima da humanidade que vive num lugar quente e seco. Os percalços enfrentados por Fabiano na busca de sobrevivência à fome e à miséria fazem-no sentir-se um sujeito inferior aos demais. A personagem vai se zoomorfizando, pois a sociedade roubou-lhe os horizontes. “Ele se sente um “bicho” por superar as dificuldades, por viver longe de outros homens e por passar a maior parte de seu tempo com outros animais, prestando cuidado a eles”. Nesse sentido, são várias as situações em que Fabiano se comporta de forma zoomorfizada:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado caiu de papo para cima, olhando as estrelas que vinham nascendo.

Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano (RAMOS, 2012, p. 15)

O narrador indica que a zoomorfização ocorre devido a pouca convivência social e a boa relação com os animais: “vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais” (RAMOS, 2012, p. 18). Animais que poderiam ser tratados como parte do grupo, como o papagaio que Sinhá Vitória levava na gaiola e que matara para alimentá-los, ou a cachorra Baleia que “era como uma pessoa da família” (RAMOS, 2012, p. 85). Os filhos do casal brincavam com Baleia de maneira que não havia diferenciação entre eles. Para onde a família se mudava os animais iam juntos.

Fabiano imaginava como seria o futuro de seus filhos tão animalizados, pois “os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, seriam pisados, maltratados por um soldado amarelo” (RAMOS, 2012, p. 38). Desse modo, a transformação ou zoomorfização dos sujeitos numa sociedade estão ligadas à opressão, a violência e a desigualdade econômica. Essas experiências podem ser percebidas e sentidas em situações de conflito entre o indivíduo e a sociedade, na qual embora apenas formalmente esteja inserido, mas que, na verdade, o exclui.

A vivência constante junto à natureza, o convívio cotidiano com os animais, as pouquíssimas relações sociais com outras pessoas, as violências e as perdas vividas ocasiona a zoomorfização, a perda de traços culturais e sociais, metamorfoseando os personagens em animais. A comunicação de Fabiano era carente, “o vocabulário dele era pequeno” e se atrapalhava em circunstâncias em que esta era requerida, como na relação com as autoridades e seus mandos: sempre “havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia” (RAMOS, 1996, p.27). Um indivíduo que não tinha instrução, não possuía conhecimento sobre a organização da sociedade, constantemente oprimido, submete-se e obedece sempre aos que possuem o poder, pois representam alguma autoridade, como é o caso dos agentes do governo e os patrões. Mas, mesmo sendo ele analfabeto, tinha noção de que estava sendo roubado, como nas operações e nos momentos de divisão daquilo que fora produzido por suas mãos na fazenda, e dizia para si mesmo: “Ladroeira” (RAMOS, 2012, p. 95).

Ao escolher esse tema, Ramos procurou denunciar a realidade social de muitos cidadãos brasileiros, principalmente os que vivem na região Nordeste,

trazendo situações que deveriam ser de responsabilidade do sistema político, e por isso, apenas por ele deveriam ser corrigidas. Essa realidade foi observada tanto no tempo que imperava as oligarquias, do coronelismo, como em outros períodos históricos opressores. O autor não esconde sua angústia diante dos fatos apresentados em sua narrativa, que são frutos de força políticas contraditórias, trazendo em sua obra situações que deveriam ser solucionadas pelo o governo, como o fato da exploração, a forte opressão, a pauperização da população e a imensa desigualdade social. Diante de uma realidade social dividida e excludente, os oprimidos sonham com uma condição de vida melhor.

No âmbito das relações de poder que dominava aquela sociedade, simbolizava o poder do Estado e representava a falta de comunicação entre o homem do campo, pobre e o governo. Assegurado pela simbologia opressora da farda policial, humilha o homem do povo, o trabalhador, que representa as adversidades sociais e urbanas vivenciadas pelo o homem do campo. A experiência vivida entre o vaqueiro Fabiano e o Soldado Amarelo, expressa sua dificuldade de lidar com o cotidiano da cidade, a sua falta de conhecimento das regras que regem o espaço urbano e as relações que nela acontecem. Assim, à medida que ele adentra esse universo, o faz pensar e problematizar sua forma de organização, os modos de controle social, como a força policial, que também inferioriza e animaliza os seres humanos, sobretudo, os trabalhadores pobres.

Fabiano ao ser preso injustamente, foi oprimido e humilhado pelo o Soldado Amarelo. Naquela situação, o agente da lei em serviço, jogava cartas, ato ilícito, e ganhara o único dinheiro que o vaqueiro possuía. Além disso, o Soldado ainda o perseguia, pisando em suas alpercatas, o que gerou uma reação em Fabiano, que xingou à mãe daquela autoridade, e por isso, fora preso. Esse fato marcou muito a sua vida, lembrava-se com muita frequência no tempo que passara na prisão e na surra que ali sofreu, levando-o a refletir sobre a postura do Soldado Amarelo como representante do governo.

Assim, Ramos (1996, 99-102), “expressou como percebia sua relação” com o Estado e de seus agentes com o povo, os trabalhadores: como “um inimigo” e como “coisa mais grave, uma autoridade”, que o deixava em situação de “perigo”, pois “ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas”. As lembranças o enraiveciam, faziam-no se sentir “um sujeito violento” e questionava a figura do agente do governo e seu trato com os trabalhadores:

Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. Não entendia. Se fosse uma criatura de saúde e muque, estava certo. Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. Mas aquilo... soltou uns grunhidos. Por que motivo o governo aproveitava gente assim? Só se ele tinha receio de empregar tipos direitos. Aquela cambada só servia para morder as pessoas inofensivas. Ele, Fabiano, seria tão ruim se andasse fardado? Iria pisar os pés dos trabalhadores e dar pancadas neles? Não iria. (RAMOS, 2012, p. 105).

Com muita raiva do soldado, símbolo da opressão do governo Vargas aos trabalhadores, tinha planos de se vingar da injustiça a que foi submetido, pois a “ideia de ter sido insultado, preso, moído por uma criatura mofina era insuportável”. Ressentido e resistente se viu na eminência de matar o soldado, mas, pensando que aquilo o inutilizaria, curvou-se “ordeiro” àquele: “-Governo é governo” (RAMOS, 2012, p. 107). De comportamento dócil, ordeiro e disciplinado, mantinha o respeito pelo desprezível agente do Estado pelo papel de autoridade que ele ali representava, como forma de reconhecer o “poder” que o governo tem sobre o meio social, sua força que doméstica, oprime e minimiza as resistências.

A atitude de Fabiano de acatar o castigo que lhe foi imposto pela autoridade, aponta o quanto a representação do governo é autoritária, eles oprimem e restringem o indivíduo, tornando seu poder reconhecido e internalizado a ponto de a conflitar-se com o vaqueiro, ele opte por silenciar, para não receber outro castigo, conforme estabelecido pela máquina do poder. Para Foucault, “a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda engrenagens” (FOUCAULT, 2004, p. 13).

Numa competição entre a autoridade que é o soldado, o que humilha e prende, e a força marcada pela rusticidade do sertanejo, um “bicho” marginalizado, sem um lugar para morar e um trabalho fixo para sobreviver, o primeiro prevalece. Segundo Foucault (2012, p. 72, 136), na prisão o poder se manifesta em estado puro, em suas dimensões mais excessivas. Ela fabrica delinquentes, pois, sem delinquência não há necessidade da polícia, da presença e do controle policial, que seria intolerável pela população sem o medo do delinquente, sendo essa figura, portanto, útil tanto no domínio econômico como no político. A prisão não é a solução para os problemas que acometem a sociedade e o encarcerado é humilhado e tratado como um animal. A agressão tanto física, quanto mental ao preso faz com

que ele se sinta inferior diante dos demais seres humanos, e sua utilidade se resume a mão-de-obra barata a ser explorada.

Desse modo, os agentes do Estado usam a vigilância e a punição como forma de controle social, eles agem, em geral, de modo agressivo, fazendo uso da força física, para pôr fim na autonomia dos indivíduos, produzindo o assujeitamento do sujeito dentro do corpo social. A autoridade aqui representada pelo Soldado Amarelo tem o poder de punir, surrar, prender, práticas corriqueiras nas atividades policiais, que tem a liberdade de disciplinar através de meios coercitivos.

Assim, de acordo com nossas necessidades humanas, nossa identidade surge e se transforma e pode ser complementada a partir de nosso exterior, pela forma de como imaginamos ser visto pelo outro que convivem no mesmo ciclo pessoal.

Desse jeito, à medida que a identidade vai se modificando com as mudanças da época e da vida, ou até mesmo com a desigualdade social, pode ocorrer uma crise identitária.

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 1).

Hall (2006) explica que a formação da identidade ou a transformação da mesma está relacionada à interação entre indivíduo e meio social, o que leva a consideração da influência cultural na expressão identitária. O tempo passa e as coisas mudam muito, com isso ocorre uma variação na cultura da sociedade e a questão da identidade fica mais complexa, pois isso pode gerar crises coletivas ou individuais. Nessa instabilidade, o sujeito busca um ponto de referência para se reafirmar como ser social e procura se adaptar as mudanças culturais.

Ao tratar da maneira como o indivíduo suas experiências vividas e como forma de sua identidade, Muszkat (1986) ressalta o papel das experiências:

Por meio da constante experimentação e transformação do mundo e das próprias necessidades, que vão se modificando a cada momento da vida, a complexa funcional identidade vai se configurando e se definindo. Essa experimentação é vivida primeiramente através do próprio corpo, que representa sempre uma “abertura” para o mundo, situando o Ser em relação a Si próprio e ao Outro, evoluindo para experiências que envolvem

estruturas cognitivas cada vez mais especializadas (MUSZKAT, 1986, p. 28).

Ramos mostra que Fabiano se sentia um “bruto” e esperava o mesmo para os seus filhos que, assim como ele, nunca havia frequentado à escola, não tinham tido oportunidades que garantissem uma vida melhor futuramente, daí seriam, iguais ao pai, humilhados e oprimidos por aqueles que tinham ou representavam uma “autoridade”, assim como o Soldado Amarelo.

A opressão e o empobrecimento agem nas vidas das pessoas causando um processo a perda de sua identidade, sobretudo, por meio da zoomorfização e da coisificação do ser humano. Experiências opressivas e desumanizadoras, aliada como a instabilidade meteorológica, falta de moradia e perda de território, marcam negativamente a imagem e o sentimento que o sujeito tem de si e, conseqüentemente, a relação que estabelecem com as demais pessoas. O poder das oligarquias, as práticas coronelísticas, a grande desigualdade social, a situação financeira muito desfavorável, situações de sobrevivência constantemente violadas, como aquelas à cerca da moradia, da alimentação, dos cuidados com a saúde, dos mecanismos de controle social, das formas exclusão social, entre outros, são forças agressivas que produzem nas pessoas o sentimento de inferioridade e de coisificação, interferindo diretamente na transformação de sua identidade. Expondo a visão de uma sociedade dividida e desigual, de opressão e de sonhos de ter uma vida com dignidade, o narrador apresenta o confronto no pensamento de Fabiano com sua esposa, ao dizer que Sinhá Vitória:

Desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice, Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiram bem debaixo do pau. (RAMOS, 2012, p. 23)

A esposa de Fabiano sonhava com uma cama igual a de seu Tomás da bolandeira, homem que diferente deles, era remediado e possuía estudos, por isso que Fabiano considerava o sonho de sinhá Vitória, uma loucura, pois além de sua situação financeira não permitir adquirir a tal cama, sabia que quando chegasse o período das grandes estiagens, teriam que voltar às longas caminhadas em busca de outro lugar para trabalhar e garantir o sustento da família, e não teriam condições de levar a cama.

A passagem acerca do confronto entre uma cama macia e a baixa condição financeira expressa àquilo que Oliveira (2006) aponta acerca da relação do “Eu”, a consciência individual do ser humano, e sua capacidade de se auto avaliar como integrante de uma sociedade. Esse processo ocorre na oposição com o “outro”, o “diferente”, que era seu Tomás:

O Eu cria diferença básica para que toda experiência em processo seja subordinada. Esse senso reflexivo pode também envolver um senso de consistência e continuidade simplesmente porque a diferença básica persiste. A diferença básica entre Eu e tudo o mais pode ser dotada de sentidos diferentes, transmitindo culturalmente ou engendrados por experiências da história da vida individual (OLIVEIRA, 2006, p.67).

O reconhecimento do sujeito no processo identitário está diretamente ligado à vida social e as reflexões que desenvolve no seu cotidiano. Fabiano, em sua atividade mental, reflete acerca do problema que o afligia, a questão de se era homem ou bicho, percebeu a importância da fala, de como falar poderia ser um fator importante para se localizar. “Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo” (RAMOS, 2012, p. 22). E se opunha à pessoa de seu Tomás, “que falava bem” e sabia ler, no jogo que expressa à relação de “eu” e do “outro”, do que assemelha, aproxima e do que difere, distancia.

Saber falar bem, ser letrado, pedir ao invés de mandar, são características que diferenciavam Seu Tomás, da maioria dos homens do sertão, que pertenciam à mesma classe social e econômica que a sua e, principalmente, daqueles que não pertenciam. Logo, causava uma não identificação do povo com ele, e achava o comportamento de seu Tomás uma “esquisitice”. O tal estranhamento no modo de ser dele, era ainda mais reforçado ao confrontar seu comportamento com o dos outros homens de sua etnia. “Os outros brancos eram diferentes. O padrão atual, por exemplo, berrava sem precisão.” (RAMOS, 2012, p. 22).

É na busca do ser humano pelo reconhecimento de si próprio como ser social, que ele interage com outros seres e estabelece laços afetivos. Essa afetividade começa no seio familiar, para depois estender-se ao convívio com outros grupos e assim estabelecer uma rede de sociabilidades pela qual se reconhece como um ser que integra a sociedade. Sinhá Vitória, na árdua caminhada pela Caatinga, com o espírito atribulado, diante da falta de comida, da doença que acometia seu filho mais novo, e sem se quer ouvir um berro de rês perdido para lhe trazer esperança,

rememorava antigas situações que lhe dava sentimento de pertencimento à sociedade.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra que neste trabalho foi analisada, *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos, buscou em primeiro lugar dar voz aqueles que são diariamente excluídos pela a sociedade, que são oprimidos, humilhados, explorados e marginalizados assim, como, buscou também, denunciar essas condições. O autor olhou de forma diferenciada para pessoas que perdem um pouco de si a cada dia, pessoas que perdem seu pedaço de chão, ou seja, passam pelo o processo de desterritorialização, devido às condições climáticas de onde vivem e, sobretudo, pelo descaso dos governantes, sobre a vida dessas pessoas. O objetivo dessa pesquisa foi analisar a diferença de classe social, a exploração de trabalho do homem sobre o homem, e como isso resulta na transformação identitária do sujeito. Para isso, nos ativemos as personagens da obra, que de forma alegórica, foram se zoomofizando. Foram personagens que retrataram pessoas que tiveram sua humanidade rebaixada, levando-os a comportamentos animais, na dura e incansável luta pela sobrevivência.

Como leitora de Ramos, me propus a desenvolver essa reflexão, devido ao desconforto que tive ao lê-la, pois me fez observar que a discussão sobre a opressão continua viva, pois mesmo hoje, muitos anos depois dessa obra ser publicada, tais condições muito pouco mudaram, assim como, a forma e a falta de atenção do governo em relação a elas. O patrão (explorador) continua crescendo, enriquecendo, e, em contrapartida, o trabalhador (explorado) rebaixado.

Desse ponto de vista, de exploração, que resulta na desfiguração da identidade, Ramos veio e trouxe consigo a denúncia em sua obra. A literatura dele almejava dar voz aqueles que precisavam sair da sua terra em busca de dignidade em lugares desconhecidos, sujeitos que levavam no peito a esperança de encontrar uma terra que garantisse o direito a um emprego, escola para os filhos, enfim, uma vida melhor. O livro trouxe indivíduos secos, cujo vocabulário também assim era, por ser muito pouco, quase nada. O escritor retratou a realidade de pessoas que sabiam que estavam sendo exploradas, mas pouco podiam fazer, como, o vaqueiro Fabiano, que tinha medo de falar e perder o emprego que garantia o escasso sustento da família, ele se quer conhecia o sentido das palavras, isso lhe dificultava a vida, pois, não podia se quer, se defender das agressões e humilhações as quais eram exposto.

Essa obra traz a dualidade entre a riqueza e a extrema pobreza, a fartura dos patrões proprietários de terras e falta de dignidade dos trabalhadores, que, por não possuir um pedaço de terra, muito menos moradia, tinha que submeter-se à exploração do trabalho, que chegava a ser desumano. Os baixos salários, além dos roubos dos patrões que pagavam um valor miserável em troca da força de trabalho, levavam a coisificação dessas pessoas.

Diante disso, percebemos que a desigualdade social e a exploração são práticas que ultrapassam os livros de história e ciências sociais, aparecem frequentemente na literatura, que caminha lado a lado com a sociedade, denunciando a marginalização ou exclusão dos sujeitos, que tem seus direitos comprometidos, perdem a voz e são explorados calados, apenas buscando a sobrevivência.

O silêncio aqui abordado foge de regras e conceitos de dicionários, aqui, a noção de silêncio, remete a sentidos por manifestações discursivas diversas, ou seja, capaz de dizer mesmo sem a linguagem verbal ou mesmo pela ausência das palavras.

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, traz a materialidade do discurso pelo o silêncio através das condições adversas da tragédia sertaneja causada pela seca, na coisificação do homem e, na preocupação por uma condição de vida melhor. Esta materialidade discursiva anuncia o desejo de felicidade e abundância, mesmo que esses desejos sejam percebidos através do silêncio.

O círculo não se fecha, pois o primeiro capítulo e o último se unem em um só, desse jeito, Fabiano não alcança seus objetivos, e, mais uma vez, o silêncio impera na obra, devido a falta de um desfecho para a vida de Fabiano e sua família, e nos leva a pensar na solidão de toda uma sociedade.

REFERÊNCIAS

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. O preconceito contra o nordestino. In: _____. **Preconceito contra a origem geográfica do lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 89-129.

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. **Migrantes nordestinos na literatura brasileira**. 2006. 192 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BASTOS, Hermenegildo José de M. **Memórias do cárcere, literatura e testemunho**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevistas a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORGES, Valdeci Rezende. Literatura e Pesquisa Histórica. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 12, p. 191-217, jan/jun, 1996.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. 34 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

CÂNDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: _____ (et. al.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 51-80.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7 ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CARDOSO, João Batista. Os pólos da sociedade em *Os magros*: In: _____. **Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade em Adônias Filho, Euclides Neto, James Amado e Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2006. p. 85-118.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

DAVI, Tania Nunes. **Subterrâneos do autoritarismo em Memórias do cárcere de Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

FACIOLI, Valentim. Um homem bruto da terra. In: GARBÚGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentin. **Graciliano Ramos: antologia e estudos**. São Paulo: Ática, 1987. p. 23-106.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29 ed. Vozes, Petrópolis, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. São Paulo: Sabotagem, 2012.

GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS (Rio de Janeiro). Grupo Editorial Record (Ed.). **Vida: biografia /linha do tempo**. 2013. Disponível em: <<http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/>>. Acesso em: 10 mar. 2018 às 21:43h.

GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS (Rio de Janeiro). Grupo Editorial Record (Ed.). **Vida: biografia /linha do tempo**. 2013. Disponível em: <<http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/>>. Acesso em: 10 mar. 2018 às 22:30h.

GRACILIANO RAMOS SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS (Rio de Janeiro). Grupo Editorial Record (Ed.). **Obra: biografia /linha do tempo**. 2013. Disponível em: <<http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/>>. Acesso em: 15 mar. 2018 às 14:22h.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Lourival. **Sob o signo do silêncio: Vidas secas e O estrangeiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KIFFER, Ana Paula Veiga. Vidas secas – ontem e hoje. **Janela de ideias**. Disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br/Janeladeldeias/biblioteca/B_Vidas_Secas.pdf>. Acesso em: 2018.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo, Ática, 1985.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 116. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2011 p. 127-155.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da ficção no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. vol. VII (1933-1960). São Paulo: Cultrix; EdUSP, 1977-78.

MENDES, Oswaldo. **Getúlio Vargas**. São Paulo: Moderna, 1986.

MESQUITA, Samira Nahid de. Como se narra. In: _____. **O enredo**. São Paulo: Ática, 1987. p. 33-40.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira** v. III Modernismo (1922-atualidade).6 ed., São Paulo: Cultrix, 2001.

MUSZKAT, Malvina. **Consciência e identidade**. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo, 2006.

PÓLVORA, Hélio. Um aspecto de Graciliano Ramos. In: _____. **Graciliano, Machado, Drummond e outros**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 13-36.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1992.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 1996.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Posfácio de Claudio Leitão. 37 ed. Revisada. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAMOS, Graciliano. **Memórias no cárcere**. 6 ed. São Paulo: Editora S. A., 1969.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 116 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SIQUEIRA, José Jorge. Texto e contexto em História e Literatura: a crise do mito da democracia racial brasileira. In: MARTINS, Willian de Souza; SANGLARD, Gisele (Orgs). **História cultural**: ensaios sobre linguagens, identidades e práticas de poder. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 97- 122.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1988.

TEIXEIRA, Jerônimo. Pratas da casa. **Revista Veja**, São Paulo, edição 1985, 6 dez 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/061206/p_136.html>. Acesso em: 29 nov. 2018.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como espelho da Nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.